

REVISTA

CONTINJUM

abr / maio 12

CRIOLO VIRA O JOGO

CANTOR E COMPOSITOR DE RAP FALA SOBRE O QUE MUDOU (E O QUE NÃO MUDOU) EM SUA VIDA COM A CHEGADA DO SUCESSO

JUVENTUDE À BRASILEIRA

Nova seção Acesso Restrito traz bate-papo com bandas jovens antes de subirem ao palco

“EU SÓ QUERO FAZER”

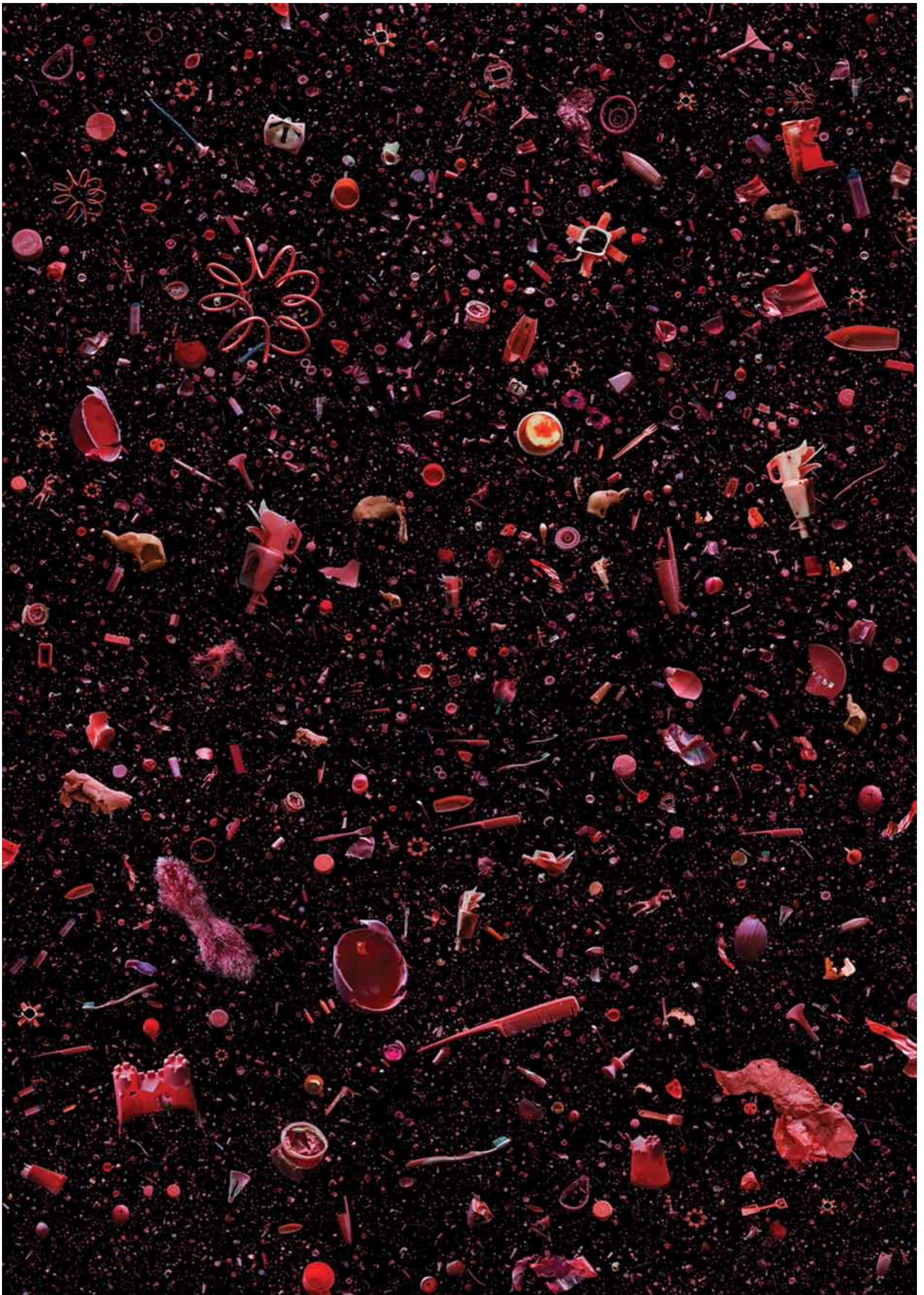
Poeta e dramaturga Renata Pallottini revê, do alto dos 81 anos, sua trajetória artística

FEITO DE FERRO E FLOR

A montadora Karen Harley, parceira de Claudio Assis em vários projetos, dá seu depoimento sobre o cineasta

36





Tomato (acima)
ingredientes: entulho de plástico vermelho
Translucent (pág. ao lado)
ingredientes: entulho de plástico translúcido

Imagens da série SOUP, da fotógrafa britânica **Mandy Barker**, criadas a partir do lixo encontrado em praias em todo o mundo. Conheça mais em <mandy-barker.com>.



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana de Fátima Sousa

EDIÇÃO EXECUTIVA
Marco Aurélio Fiochi

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE
Marina Chevrand

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO DE CONTEÚDOS
Roberta Dezan

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA
André Seiti

DESIGN
Lu Orvat Design

REVISÃO
Lilian Akemi Chinem
Nelson Visconti
Polyana Lima

APOIO ADMINISTRATIVO
Isabella Protta

PAUTA
Ana de Fátima Sousa
André Seiti
Eduardo Saron
Jader Rosa
Marco Aurélio Fiochi
Maria Clara Matos
Marina Chevrand
Roberta Dezan

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Bruno Fernandes
Carlos Costa
Ciça Corrêa
Dafne Sampaio
Flavia Bancher
Ieda Estergilda de Abreu
Jorge Bispo
Julia Rodrigues
Karen Harley
Laura Sobenes
Liane Iwahashi
Lucas Nobile
Luiza Sigulem
Mandy Barker
Micheline Verunschik
Natália Garcia
Patrícia Colombo
Patrícia Staviz
Pedro Henrique França
Ronaldo Bressane
Sabrina Duran
Valentina Fraiz

AGRADECIMENTO
Cristiane Batista/HSBC Brasil

ISSN 1981-8084 Matrícula 55.082
(dezembro de 2007)
Tiragem 10 mil –
distribuição gratuita.
Sugestões e críticas devem ser
encaminhadas ao **Núcleo de
Comunicação e Relacionamento**
continuum@itaucultural.org.br
Jornalista responsável
Ana de Fátima Sousa MTb 13.554



capa: crioulo
foto: jorge bispo

CARTA DO EDITOR

O verão chegou ao fim, mas na redação da **CONTINUUM** ainda permanece a efervescência da estação, suas cores fortes, novidades quentes e aquela vontade de se jogar no mundo e celebrar o belo, o curioso e o inusitado. Se nas edições anteriores acabamos, mesmo sem intenção declarada, dando mais destaque às artes visuais, desta vez fomos atraídos pela mais universal das áreas de expressão artística: a música. Mas é claro que continuamos com as nossas antenas ligadas e devidamente sintonizadas nos acontecimentos e nas pessoas relevantes desse diversificado mundo das artes e da cultura.

Na capa trazemos um dos artistas mais aclamados da atualidade, Criolo, em pose reflexiva que combina bem com o perfil que recheia esta edição. Depois de tanto burburinho, é chegado o momento de falar mais sobre as origens, analisar a trajetória e manter o olhar firme e os dois pés no chão. Logo na sequência, a fotógrafa Mandy Barker desafia a nossa percepção superficial das coisas ao criar imagens arrebatadoras, tanto na beleza quanto no significado, e nos leva à reflexão sobre o destino e os impactos do lixo que produzimos. E, se ultimamente temos navegado mais sob o embalo das canções, nada mais natural do que falarmos sobre os melhores discos lançados neste começo de ano, em resenhas certeiras do bom entendedor do assunto, Lucas Nobile.

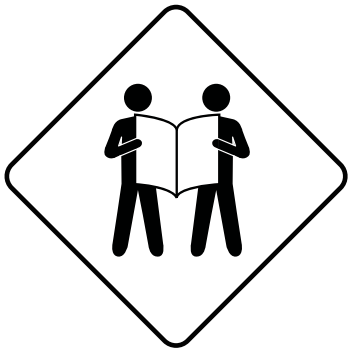
Neste número estreamos a seção **Acesso Restrito**, criada para mostrar parte do que rola de mais interessante em ensaios e bastidores de espetáculos realizados no Auditório Ibirapuera, agora administrado pelo Itaú Cultural. Para começar, confira o bate-papo com as bandas paulistanas Memórias de um Caramujo e Pitanga em Pé de Amora, que se apresentaram lá em março. Ainda nas imediações do Parque Ibirapuera, confira a matéria sobre a oitava edição da SP-Arte, maior feira de galerias de arte da América Latina, que acontece em maio, no Pavilhão da Bienal, com a preocupação de educar e formar um novo público.

Na Entrevista, Daniel Ganjaman fala sobre a polivalência da sua atuação na música, do que o incomoda nos festivais gringos que aterrissam em terras tupiniquins e do disco póstumo do gênio do rap Sabotage e faz suas observações e apostas. Após 81 anos de vida e de muito trabalho, a escritora Renata Pallottini nem pensa em frear sua produção e esbanja uma energia contagiante, capaz de dar inveja a muito adolescente, como mostra o Perfil da edição. E, no pique das tendências e urgências, a reportagem sobre cicloativismo convida à reflexão sobre as saídas para uma convivência mais harmônica entre ciclistas e motoristas e pede: mais amor, menos motor.

Se você é ilustrador, artista ou fotógrafo, envie o link de seu portfólio virtual para <participecontinuum@itaucultural.org.br>. Queremos conhecer o seu trabalho!

Envie seu comentário sobre a **CONTINUUM** para o e-mail participecontinuum@itaucultural.org.br ou utilize os canais do Itaú Cultural no Twitter e no Facebook.

Em caso de publicação na seção Carta do Leitor, a mensagem pode ser editada a critério da redação.



COMPARTILHE
SUA CONTINUUM

na web: itaucultural.org/continuum
issuu.com/itaucultural



Baixe o aplicativo da
CONTINUUM em seu
iPad e veja todas as
matérias desta edição e
das anteriores, além de
conteúdos exclusivos.



**Itaú
cultural**



Ministério da
Cultura



06
08
12

ACESSO RESTRITO | juventude à brasileira

Nova seção traz ensaios e bastidores de shows do Auditório Ibirapuera e estreia com as bandas Pitanga em Pé de Amora e Memórias de um Caramujo.

REPORTAGEM | as ruas são para dançar

Festival Baixo Centro coloriu em março as ruas de São Paulo. A ação de guerrilha procura devolver a cidade aos seus habitantes.

REPORTAGEM | arte para muitos

Em maio, o prédio da Bienal, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, abre suas portas para a SP-Arte, maior feira de galerias de arte contemporânea da América Latina.

REPORTAGEM | livros livres

Bibliotecas ambulantes invertem a lógica e saem à caça de seus usuários.

REPORTAGEM | mais amor, menos motor

O cicloativismo ganha força no Brasil e no mundo e traz soluções para um trânsito mais gentil e sustentável.

CAPA | crioulo vira o jogo

A trajetória de luta pelo rap nacional, a quase desistência da carreira de cantor e compositor, a persistência e a glória de um dos mais aclamados artistas brasileiros da atualidade.

22
24
26

REPORTAGEM | correr para não perder

A peça *Sleep No More* coloca em cena um jogo de interação entre artista e espectador e se torna hit cult de Nova York.

MUSEUS DO MUNDO | histórias soterradas

O museu Berliner Unterwelten revela uma segunda Berlim em seus quatro andares subterrâneos, que preservam parte importante da memória histórica e cultural da cidade alemã.

ENTREVISTA | poli e valente

Daniel Ganjaman fala das suas muitas facetas profissionais, do início da carreira e da sua relação com Sabotage e decreta: “O próximo artista do rap a estourar deve ser uma menina”.

PRÁTICAS CULTURAIS | ensino 2.0

Os dispositivos móveis, grandes vilões dos professores, agora são considerados ferramentas fundamentais para a revolução da aprendizagem na sala de aula e fora dela.

PERFIL | “eu só quero fazer”

Aos 81 anos, a escritora Renata Pallottini se sente como uma criança e continua a cravar em sua extensa produção a marca inconfundível do poético.

34
36
37

RESENHA | qualidade e perenidade

Confira os destaques dos lançamentos musicais do primeiro semestre deste ano.

DEPOIMENTO | feito de ferro e flor

A montadora dos últimos filmes de Claudio Assis, Karen Harley, homenageia o diretor e fala sobre a árdua conquista da cumplicidade que hoje lhe permite propor novas possibilidades narrativas.

BALAIÃO | cultura para ver, ouvir e navegar

Seção de dicas traz opções para quem procura diversão com bom conteúdo.



Juventude à brasileira

As bandas paulistanas Memórias de um Caramujo e Pitanga em Pé de Amora se valem do rico passado da música popular brasileira como inspiração para suas composições. Ambas ocuparam o palco do Auditório Ibirapuera, em São Paulo, no mês de março. E a **CONTINUUM** aproveitou para conferir o que rolou nos ensaios e bastidores das apresentações e para bater um papo com os integrantes dos grupos

TEXTO patricia colombo FOTOS andré seiti



Os integrantes do Memórias de um Caramujo se preparam para subir ao palco do Auditório Ibirapuera

MEMÓRIAS DE UM CARAMUJO

Em 2003, a ideia de criar uma banda cover de rockabilly para a festa de formatura da oitava série deu início aos passos rumo à música de alguns dos integrantes do Memórias de um Caramujo – cuja atual formação conta com André Vac (guitarra, bandolim, charango e voz), Beatriz Mentone (voz), Gabriel Basile (bateria e percussão), Gabriel Milliet (violão, flauta, sax e voz), Thomas Huszar (baixo, violão e voz) e Tomás de Souza (piano e teclado). O sexteto paulistano, que se inspira em nomes como Clube da Esquina e Secos e Molhados, passou a adolescência trocando informações musicais até oficializar seu trabalho com composições autorais. Venceu o 38º Festival Nacional da Canção em Minas Gerais, em 2008, e, hoje, luta para gravar o segundo álbum.

A formação musical de vocês está relacionada à própria formação da banda, pelo visto. Tudo começou na adolescência...

BEATRIZ MENTONE: Uma parte do grupo estudou junto no ginásio. Montamos a banda cover de rockabilly e seguimos tocando até chegar à música brasileira. No final de 2007, o Gabriel [Basile] entrou e estreamos um show só com músicas próprias. Em 2009, o Thomas [Huszar] assumiu o piano e a banda ficou completa.

GABRIEL MILLIET: Mas, com certeza, a formação musical de todos nós foi influenciada pela nossa convivência.

O único álbum lançado [Memórias de um Caramujo ao Vivo, de 2010], como o nome indica, é um “ao vivo”. Por que essa escolha?

GABRIEL BASILE: Não foi bem uma escolha. A gente pensava em fazer uma temporada de shows no Espaço Cachuera! [em São Paulo]. Como lá também é um estúdio, pensamos em aproveitar o recurso e gravar. Foi muito bom porque pagamos a gravação com a bilheteria.

Outro álbum está nos planos?

BEATRIZ: Com certeza! Quando tivermos dinheiro, gravaremos [risos]!

ANDRÉ VAC: Se tudo der certo, no segundo semestre deste ano. É o que pretendemos. As músicas nós já temos!



PITANGA EM PÉ DE AMORA

O Pitanga em Pé de Amora está longe de ser uma banda pop, mas uma sonoridade somente voltada para apreciadores eruditos também não é o objetivo dos cinco integrantes – três deles multi-instrumentistas. Formado em São Paulo por Diego Casas (violão e voz), Flora Popovic (voz, pandeiro, surdo e percussão), Angelo Ursini (clarinete, sax, flautas e escaleta), Daniel Altman (violão de sete cordas e voz) e Gabriel Setubal (trompete, violão e voz), o quinteto resgata importantes gêneros, entre eles samba, choro, frevo, baião e jazz, e os costura quase que originando uma fina colcha de retalhos musical. As variadas referências das canções (de Astor Piazzolla a Chico Buarque) são fruto do espírito colaborativo dos integrantes, segundo explica Casas: “O que a gente preserva no Pitanga é a liberdade para que todo mundo possa apresentar suas influências”.



Quando perceberam que queriam trabalhar com música?

DIEGO CASAS: O estalo foi individual. Imagino que o Daniel deva ter nascido sabendo que queria [risos].

DANIEL ALTMAN: É, eu comecei muito cedo, com 8 anos, e tive a oportunidade de ter aula com o Yamandu Costa, dos 14 aos 16 anos. Ele virou um amigão meu, viajamos juntos, foi uma puta experiência. Tive sorte.

Qual é o desafio de fazer uma sonoridade plural e rica e ainda torná-la acessível ao público sem cair no pop?

DIEGO: Não era uma preocupação fazer algo ininteligível ou digerível. Não queríamos que fosse cabeçudo nem raso. Queríamos algo do nosso gosto, que tivesse um conteúdo musical denso e trabalhado, mas que fosse algo gostoso de ouvir. E essa é a principal tradição que a gente pega da música brasileira: fazer uma canção que seja agradável, que desperte uma sensação.

Já pensam em um novo álbum de canções inéditas?

DIEGO: Nosso primeiro disco foi gravado em um mês, mas trabalhamos nele durante três anos. Aos poucos, fomos fazendo as músicas, arranjando, tocando em shows, amadurecendo. Foi um processo muito rico e gostaríamos de repetir neste próximo. Temos vontade de gravar no final do ano. □

Ensaio da Pitanga em Pé de Amora, com sua banda de apoio, no Espaço Cachuera!



Ação que marcou a abertura do festival Baixo Centro na manhã de 23 de março coloriu as ruas do centro de São Paulo

AS RUAS SÃO PARA DANÇAR

TEXTO natália garcia

FOTOS bruno fernandes

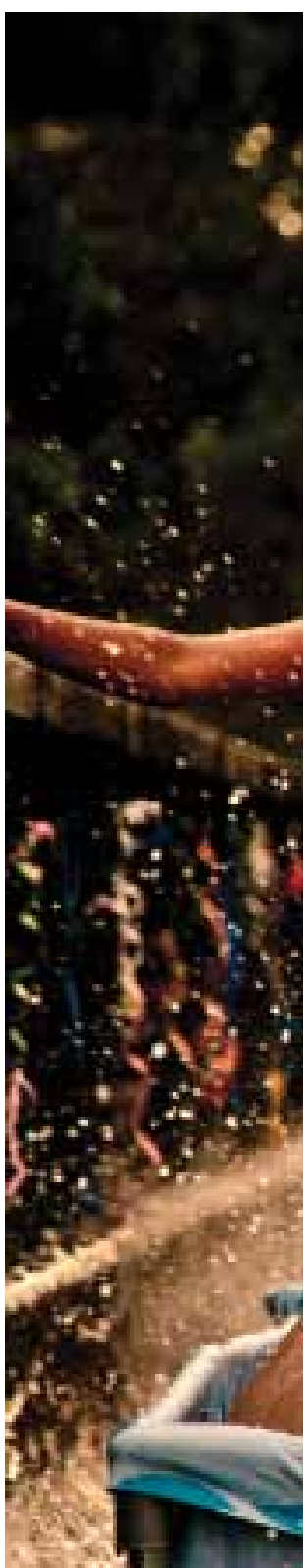
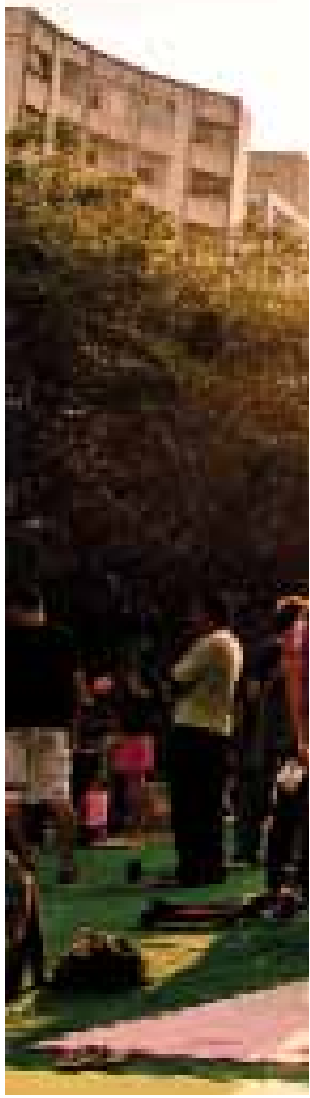
Era sexta-feira, 23 de março. Na Avenida São João, centro de São Paulo, carros, motos e ônibus competiam por espaço no trânsito. O sinal fechou e pedestres armados com galões de tinta derramaram focos de cor sobre o cinza do asfalto. Os veículos voltaram a deslizar em alta velocidade e seus pneus foram tingidos pelo colorido, que foi tomando conta daquela região da cidade. Estava aberto oficialmente o festival Baixo Centro, evento que teve como proposta ocupar, por dez dias, as imediações do Elevado Costa e Silva, o popular Minhocão. A tinta era um convite aos paulistanos: vamos ocupar os espaços públicos!

Com o slogan “As ruas são para dançar”, o Baixo Centro teve 110 atrações divididas em artes integradas, audiovisual, cultura digital, encontros/passeios, música, performance, artes visuais, conversas, dança, letras e teatro. “Passamos duas semanas recebendo inscrições”, explica Lucas Pretti, um dos organizadores. O objetivo não era fazer uma curadoria, mas, como ele diz, uma *cuidadoria*. “Nenhum projeto foi vetado, nós pensamos juntos na melhor maneira de colocar todos em prática”, esclarece. Para viabilizar a empreitada, metade do financiamento foi feito de forma colaborativa pelo Catarse, plataforma crowdfunding pela qual qualquer pessoa pode comprar cotas de patrocínio e receber recompensas. O restante dos recursos veio de doações e de um leilão feito pela organização do festival.

“Escolhemos o Minhocão porque ele é o exemplo da cidade que não queremos para nós”, explica Pretti. A via, inaugurada em 1969 pelo então prefeito Paulo Maluf, tornou-se símbolo da degradação do centro. E, para subverter seu uso tradicional, por carros, a atração Jardins Suspensos do Minhocão cobriu uma área de 400 metros quadrados com grama sintética e instalou piscinas de plástico para as crianças.

Passar o domingo sentado em grama sintética no Minhocão tem um significado especial. É deixar de simplesmente percorrer a cidade para ocupá-la. O enorme viaduto transformou-se de superfície de passagem a espaço de piquenique, e fez pensar sobre como São Paulo poderia ser uma cidade melhor.

O festival terminou no dia 1º de abril. Para Pretti, a herança deixada por essas ações são os rastros, os lambe-lambes, os grafites, as pinturas nas ruas, que são bonitos de ver. “Mas acho que o legado mesmo é o sentimento do possível, de que podemos, sim, nos relacionar de um jeito mais interessante com a cidade”, afirma o organizador do evento. □



Tal qual em Babilônia, o Minhocão transformou-se num enorme jardim suspenso, para o deleite dos paulistanos



arte para muitos...

... No mínimo, para cerca de 17 mil pessoas que passarão pelo prédio da Bienal, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, durante os cinco dias de SP-Arte, a maior feira de galerias de arte contemporânea da América Latina

TEXTO **sabrina duran**

Os números da SP-Arte, que acontece entre os dias 10 e 13 de maio (no dia 9, abertura para convidados), dão pistas do sucesso da feira e do potencial de longevidade que possui. A primeira edição, em 2005, teve 41 galerias e público de 5 mil pessoas; em 2012, serão 110 as galerias participantes – das quais 27 são estrangeiras –, que ocuparão cerca de 15 mil metros quadrados em três pavimentos do prédio da Fundação Bienal, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. A feira exporá trabalhos de veteranos como Tunga e Miguel Rio Branco e de jovens expoentes das artes visuais, como Matheus Rocha Pitta e Tatiana Blass.

Muito embora os números sejam um indicativo importante de que o mercado da arte evoluiu nesses oito anos de SP-Arte, o evento não é só realizado para a venda de obras e para que galeristas fechem negócios. Quem amplia os horizontes de análise sobre o evento é sua própria idealizadora e diretora, Fernanda Feitosa: “É uma

experiência de contato e aproximação. Das 17 mil pessoas, 10% compram; os outros 90% estão ali passeando, buscando um elemento de conexão com o atual, estão fruindo a arte. A gente quer que as pessoas busquem essa experiência e a façam reverberar ao longo do ano”.

Essa reverberação, ela diz, pode ser sentida no público e nos artistas. Para o primeiro, o impacto é no que Fernanda descreve como um circuito de arte mais amplo. “A pessoa que foi à feira gostou, achou legal, não comprou nada, mas conheceu um grupo que discute arte e decide participar dele, resolve ir a vernissages, comprar livros de arte. Esse interesse, depois, vai levá-la a museus, a cursos privados com curadores, a programas de viagem para ver bienais. O evento se ramifica em várias plataformas.”

No segundo caso, a feira também é pródiga ao capilarizar oportunidades. “O motivo primordial da SP-Arte é o comércio”, diz Fernanda, “mas a

satisfação não é só vender, é também promover a carreira dos artistas, conseguir que exponham em outros lugares e países, publiquem um livro ou façam uma residência no exterior. Há dois anos, convidamos 12 artistas do Ateliê Fidalga (ateliiefidalga.com.br), que reúne artistas independentes, para produzir um trabalho na feira e se apresentar. Mais da metade deles conseguiu representação nas galerias depois disso”, exemplifica.

Neste ano, pela primeira vez, a SP-Arte terá, por intermédio do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), isenção da cobrança de ICMS para todas as obras comercializadas durante os cinco dias da feira. Esse imposto estadual pode corresponder a até 18% do valor da obra. “Arte é um bem cultural. Qualquer tributação que bloqueie o seu acesso ou crie uma restrição é uma coisa que não está mais na nossa era, soa mal, cheira a ranço. Com isso, vamos facilitar o ingresso do brasileiro à produção internacional”, comemora Fernanda.

Vista interna do Pavilhão Ciccilo Matarazzo, no Parque Ibirapuera, que sediará a SP-Arte



“O MOTIVO PRIMORDIAL DA SP-ARTE É O COMÉRCIO, MAS A SATISFAÇÃO DAS GALERIAS NÃO É SÓ VENDER, É TAMBÉM PROMOVER A CARREIRA DOS ARTISTAS, CONSEGUIR QUE EXPONHAM EM OUTROS LUGARES E PAÍSES, PUBLIQUEM UM LIVRO OU FAÇAM UMA RESIDÊNCIA NO EXTERIOR.”
Fernanda Feitosa



Escultura de Agnaldo Manoel dos Santos

DE SÃO PAULO PARA LIVERPOOL

Além da disseminação da arte e de sua repercussão depois dos cinco dias de evento, um desejo de Fernanda é que a SP-Arte seja capaz de promover o diálogo entre a arte contemporânea e a popular. A ideia ganhou forma em 2009, quando a Galeria Estação, de São Paulo, expoente da arte popular brasileira, foi convidada para o evento. “Na primeira edição, eu fui bastante provocativa. Comprei dois estandes e, logo na entrada deles, coloquei um casal de leões de madeira enormes, deitados, um olhando para o outro. Quem foi a essa edição não esquece”, conta Vilma Eid, dona da Galeria Estação, que estará presente pela quarta vez na feira deste ano. Na edição de 2011, a galerista exibiu, na entrada do estande, uma escultura de madeira do artista carioca Chico Tabibuia (falecido em 2007). Era um exu com 3 metros e 20 centímetros de altura e um enorme falo. “E não imagine você que era uma peça chula. Era uma peça que poderia estar no MoMA de Nova York, em qualquer museu, e isso era comentado. São trabalhos que as pessoas não questionam se são de artistas populares,

contemporâneos ou modernos. E é isso que me interessa mostrar: o que é bom é bom e não tem rótulo”, comenta Vilma.

Se no começo ela sentiu certa apreensão de outros galeristas com sua entrada e “um receio de que [a arte popular] puxasse a feira para baixo”, eles se dissiparam já naquele primeiro ano. Tanya Barson, uma das curadoras da Tate Modern de Liverpool, soube que Vilma tinha em casa uma obra do escultor baiano Agnaldo Manoel dos Santos (1926-1962) e quis conhecer o trabalho. “Eu a convidei para tomar café da manhã na minha casa. Ela ficou boquiaberta com a escultura e a pediu emprestada para uma exposição que estava preparando sobre as influências da arte negra nos oceanos. Hoje, esse trabalho está no catálogo da Tate Modern. É incrível você saber que um artista baiano está lá”, conclui Vilma. A proposta de mistura de Fernanda deu certo desde o princípio, e a arte foi reverberar do outro lado do Atlântico, além de continuar reverberando por aqui. □

SERVIÇO
8ª Edição da Feira Internacional de Arte de São Paulo
quinta 10 a domingo 13 maio 2012
[quinta e sexta das 14h às 22h; sábado e domingo das 12h às 20h]
pavilhão da bienal, parque ibirapuera, são paulo
☎ saiba mais em <sp-arte.com>

ESPAÇO PARA OS NOVOS

Novidade da SP-Arte 2012, Laboratório Curatorial atua na formação crítica de jovens curadores

Uma das grandes novidades da SP-Arte para este ano é o Laboratório Curatorial, projeto de orientação de jovens curadores idealizado por Adriano Pedrosa a pedido de Fernanda Feitosa. Entre outras atuações importantes, Pedrosa foi cocurador da 27ª Bienal de São Paulo, em 2006, e é diretor-interlocutor do Programa Independente da Escola São Paulo (Piesp).

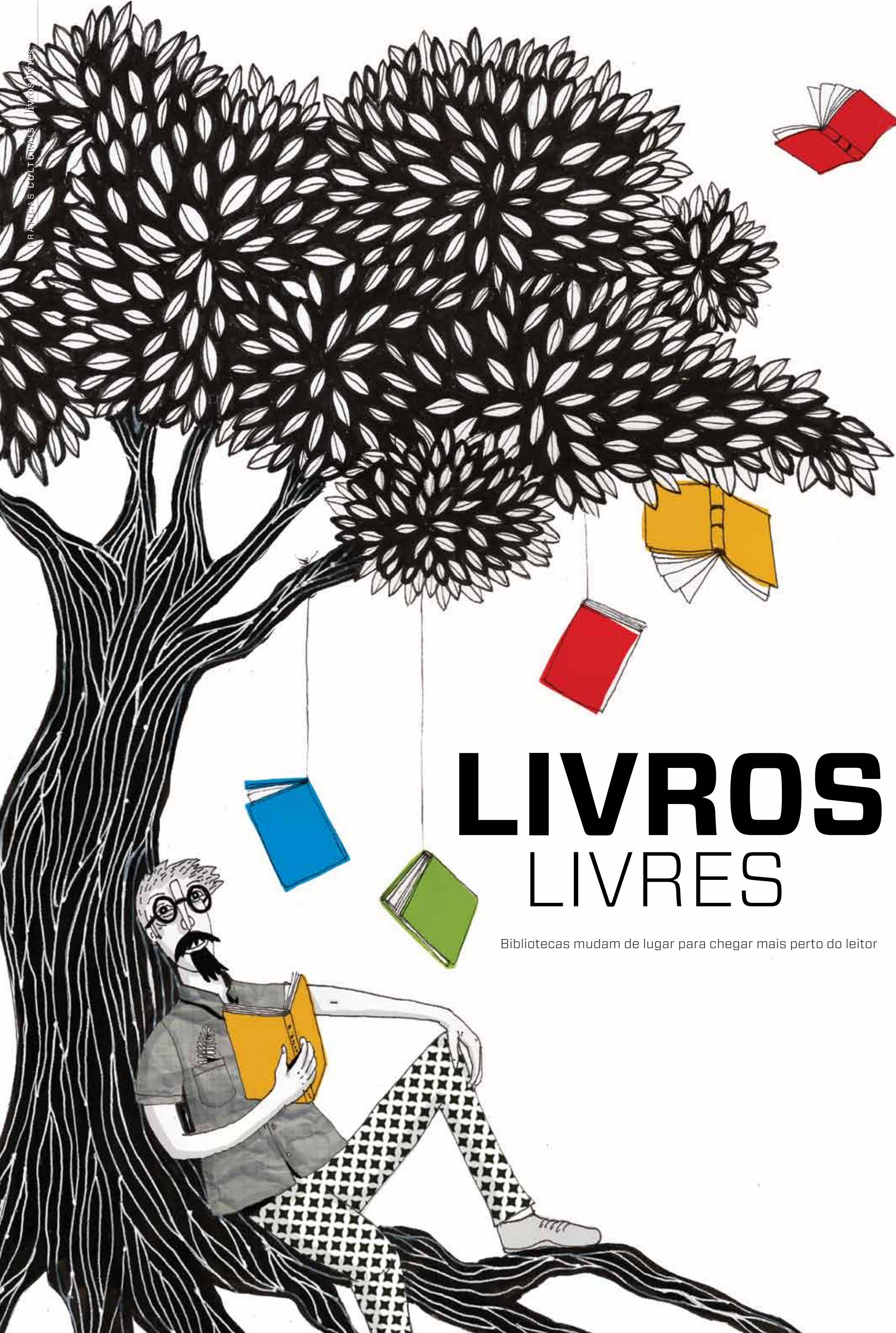
O laboratório é algo inédito no contexto de um evento como esse. Em dezembro do ano passado, a organização abriu inscrições para que interessados enviassem pré-projetos autorais de curadoria tendo a feira “como uma espécie de acervo em potencial”. Cada curador deveria usar obras de, pelo menos, quatro galerias diferentes, além de trabalhar com artistas sem representação. Foram apurados quatro jovens curadores, que serão orientados por Pedrosa. “O trabalho é de interlocução

e acompanhamento. A pergunta fundamental que faço aos selecionados é simples: ‘por quê?’; e eles devem justificar a inclusão das obras e dos artistas, a seleção do tema, a construção das justaposições e dos diálogos, e a pertinência do conjunto”, explica Pedrosa.

Kamilla Nunes, de 24 anos, uma das escolhidas para o laboratório, aponta o porquê de o contato com Pedrosa ser uma das partes mais ricas na experiência de orientanda. “Ele não fica dando voltas, vai direto ao ponto crítico, confuso ou que ainda está nebuloso no projeto. Questiona os participantes para que os projetos sejam os mais claros possíveis. Tenho de correr atrás e estudar para encontrar as respostas”, ela diz. O pré-projeto de Kamilla chama-se Sumidouro. Trata-se de um conceito que a curadora trouxe da geologia para as artes plásticas. “O sumidouro, em geologia, é um buraco composto

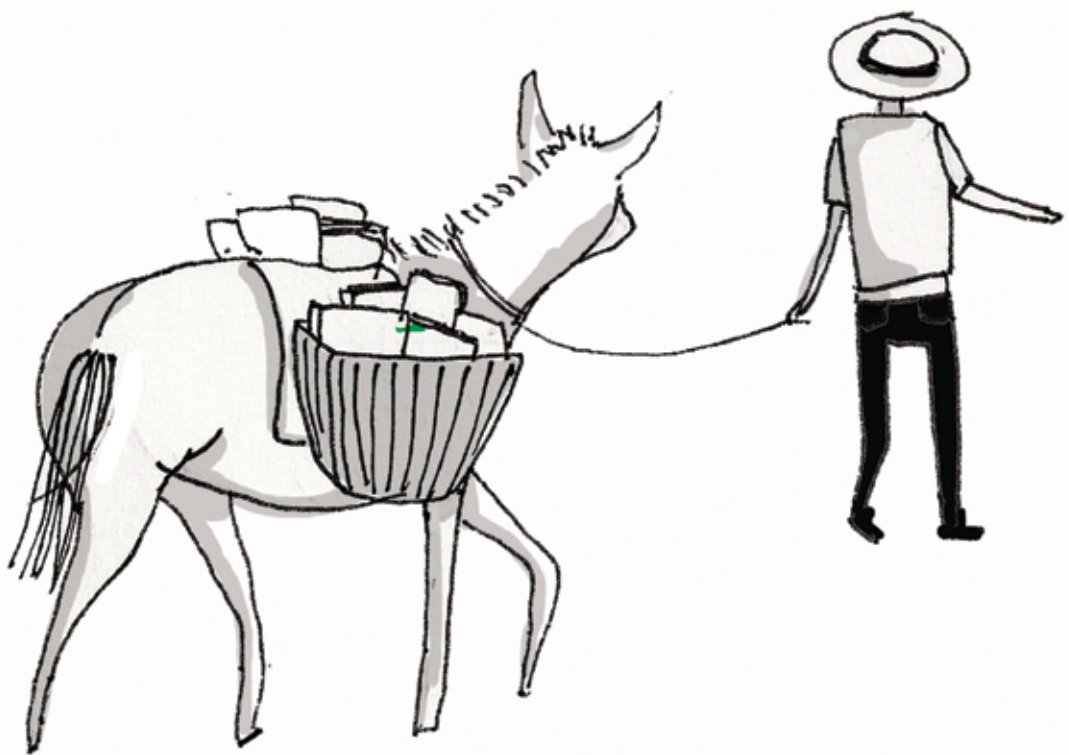
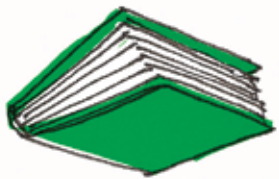
de um declínio e um abismo. Pensei nos trabalhos de arte que causam certo desconforto no espectador e em sentimentos como possibilidade de queda, real ou conceitual”, explica.

Durante a feira, serão feitas quatro pequenas exposições coletivas, em salas ou espaços arquitetônicos autônomos, com título, tema, texto e obras próprios. “Meu objetivo foi tentar encontrar um papel crítico, reflexivo e educativo para uma feira de arte, algo fundamental num panorama de eventos desse tipo, que assumem uma presença muito forte na mídia e no circuito internacional. Por outro lado, procurei responder a uma carência muito grande de nosso circuito – a falta de oportunidades para o jovem curador trabalhar e receber informações, ver exposições estrangeiras e mesmo a precariedade de nossos cursos de curadoria”, conclui Pedrosa.



LIVROS LIVRES

Bibliotecas mudam de lugar para chegar mais perto do leitor



TEXTO ronaldo bressane

ILUSTRAÇÃO valentina fraiz

Se todo artista tem de ir aonde o povo está, o mesmo se pode afirmar de muitas bibliotecas – que, em vez de ficar paradinhas, estão indo catar o leitor na rua. Essa ação combate um bizarro paradoxo: apesar de o mercado editorial colocar grande quantidade de livros nas livrarias, muita gente não dispõe de grana nem de incentivo para ler uma publicação. Assim, em localidades inóspitas, e mesmo no mais descolado bairro de uma cidade como São Paulo, algumas ações propuseram um caminho inverso: são as bibliotecas que vão atrás dos leitores.

O professor Luis Soriano Borges viaja pelos confins da Colômbia para distribuir livros a bordo de seus dois burros – Alfa e Beto. Ele começou seu bibliopériple nos anos 1990, ao zanzar por comunidades do Caribe colombiano, emprestando cerca de 70 volumes. Depois de contar sua história a

um radialista, Borges recebeu quase 5 mil exemplares – hoje ele está prestes a construir sua própria biblioteca. Os itens mais populares são os de aventura para crianças, mas Borges também distribui obras de seu xará argentino, dicionários e revistas *Time-Life* antigas. Até hoje, só não devolveram aos burros de Borges um exemplar de *Como Água para Chocolate*, de Laura Esquivel, e um manual de educação sexual – além dessas perdas, uma edição de *Brida*, de Paulo Coelho, foi roubada por bandidos de estrada. Projeto semelhante ocorre em Alto Alegre do Pindaré, a 239 quilômetros de São Luís (MA): é o Jegue-Livro. Uma vez por mês, um jegue com jacás (cesto feito de fibra vegetal), conduzido por jovens leitores, sai às ruas e se instala à sombra de uma árvore para oferecer leitura ao povo. Enquanto o bichinho se refresca, são frequentes à sua volta as leituras em voz alta.

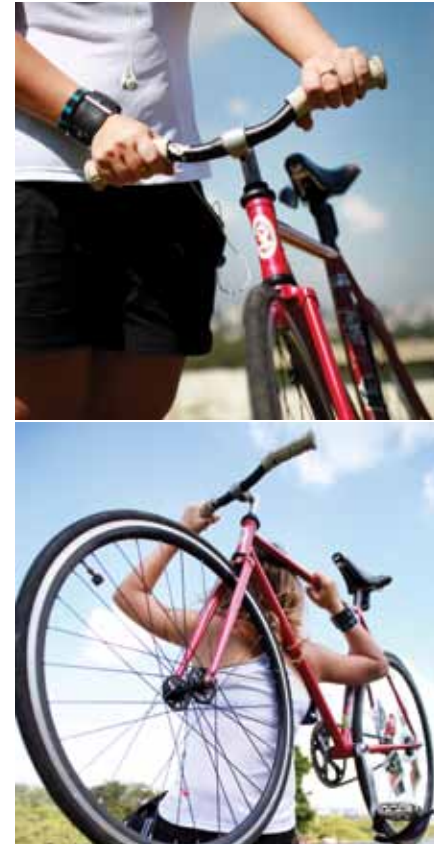
Em um movimento curioso de imitação em série, muitas cidades do Brasil vêm aderindo à moda de ocupar ônibus e caminhões com bibliotecas para levar livros a comunidades carentes – lugares onde a única diversão e agremiação social são oferecidas por bares e igrejas evangélicas. Em Campo Grande (MS), o Sesc inventou, em 2008, o BiblioSesc, projeto que emprestou 6 mil dos 7 mil impressos de que dispõe, entre literatura nacional e estrangeira, infantis, jornais e revistas, só em seu primeiro ano. O serviço é itinerante, pois se utiliza de um ônibus. E o empréstimo é gratuito. Estranho? Para quem já frequenta bibliotecas não – mas muita gente tem vergonha ou medo de visitar uma livraria e acha que, para emprestar um livro, é preciso pagar alguma taxa e ter documentação em dia. Daí essas iniciativas exigirem apenas o compromisso de devolução. Numa volante do Ceará, um ônibus leva a locais remotos, como Tejuçuoca, Saboeiro e Aiuaba, literatura brasileira e estrangeira, biografias, cordel, manuais de educação sexual, livros de administração

e de história, jornais e revistas. O leitor faz seu cadastro na hora, recebe uma carteirinha e pode, ainda, acessar a internet e participar de atividades lúdicas com os funcionários.

Mas não só em paragens longínquas é descomplicado acessar livros. Em São Paulo, duas iniciativas bem diferentes têm chamado a atenção dos leitores desavisados. Robson César Correia de Mendonça, ex-morador de rua, tinha vontade de ler, mas impedido de entrar em espaços para leitura – geralmente por portar sacos plásticos com roupas e objetos pessoais e não ter documentos – sonhou com uma situação diferente. Ao plantar uma árvore na frente da biblioteca Mário de Andrade, Mendonça conheceu Lincoln Paiva, presidente do Instituto Mobilidade Verde (IMV), que lhe deu a ideia de um serviço movido a pedal. Paiva descolou para ele um triciclo com freios a disco na traseira e caçamba com capacidade para transportar 150 quilos de livros. Mendonça, cuja obra favorita é *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, acredita que “a leitura é pouco para que essas pessoas mudem a situação de abandono, mas já é um início na tentativa de transformar sua vida, assim como aconteceu comigo”. Ele afirma que deveria haver mais “biciclotecas” espalhadas em São Paulo, uma vez que a população de rua da cidade é composta de cerca de 20 mil pessoas.

No boêmio bairro paulistano de Vila Madalena, Paiva lançou o Bibliotáxi. “Aproximei o taxista da comunidade e, pelos livros, as pessoas podem compartilhar coisas e ser mais colaborativas”, afirma. A ideia é singela e radical: no banco de trás de um táxi, no ponto da Rua Wisard com a Fradique Coutinho, uma caixa com 15 obras está à disposição do passageiro – que nem precisa devolvê-las. Porém, livres como os táxis, os exemplares acabam misteriosa e espontaneamente retornando ao automóvel, que está cada vez mais abarrotado de doações. □





mais amor, menos motor

Ciclistas e cicloativistas sugerem soluções para o trânsito sustentável no Brasil

TEXTO micheliny verunschik

FOTOS laura sobenes

Você viu um ciclista hoje? Se sim, deve ter sido no trânsito, na TV ou em alguma peça de publicidade. Se não viu em nenhum desses “lugares”, certamente foi em alguma campanha pelo uso da bicicleta, no Facebook ou em outra rede social. Nos últimos dois anos, intensificou-se a pressão pelo uso da bike como meio de transporte nos grandes centros urbanos brasileiros, reivindicando que acompanha a tendência cada vez maior nos países do Hemisfério Norte de dinamizar ações que privilegiem o uso da bicicleta.

Essa história não é nova. Na Holanda, hoje reconhecida por ter as ciclovias mais seguras do mundo, o cicloativismo começou cedo. O país, que andava preferencialmente sobre duas rodas até a Segunda Guerra Mundial, viu o pós-guerra ser celebrado com um aumento expressivo de investimentos no setor automobilístico. Assim, novas rodovias foram abertas e ruas se tornaram avenidas. Com a compressão do espaço de ciclistas e pedestres, o aumento do número de atropelamentos subiu assustadoramente: 3.300 pessoas, entre elas cerca de 400 crianças e adolescentes, morreram vítimas do trânsito só no ano de 1951. A população reagiu indo às ruas e exigindo mudanças.

E elas vieram. Com a crise do petróleo em 1973 e os crescentes protestos por segurança para pedestres e ciclistas, a solução política para o gerenciamento da crise foi o investimento no

transporte autossustentável. Para Joni Hoppen, participante do programa de jovens embaixadores da Embaixada da Holanda no Brasil, a seriedade do país nesse aspecto é exemplar. “Lá existe uma priorização do ciclista, o que inclui sinais de trânsito específicos. O isolamento entre pedestres e ciclistas nas vias é total, tanto que nelas não se pode nem pedir carona. E, para que os ciclistas não fiquem na mão, existem conexões possíveis para chegar a qualquer ponto com segurança e estacionamentos de bicicletas subterrâneos gratuitos; essa infraestrutura toda convida as pessoas a mudar seu hábito de locomoção”, enfatiza.

ANÔNIMOS E COLETIVOS

No Brasil, apesar das tímidas iniciativas dos governos municipais na implantação de ciclovias e ciclofaixas, o momento é de protestos e aventura. O cicloativismo, ações organizadas pela sociedade civil com o objetivo de defender o uso das vias públicas pelos ciclistas, ainda é visto com desconfiança por motoristas, pela grande imprensa e, sobretudo, pelo senso comum. É o que diz Fernando Fonseca, cicloativista e dono de uma loja de bicicletas artesanais e importadas, em São Paulo. “Grande parte das pessoas sempre viu esse veículo como um brinquedo, uma forma de lazer. Não há uma ação que as eduque e as faça entendê-lo como meio de transporte.”

Fonseca, que participou da implantação das rotas para usuários na cidade de São Paulo, organiza

passeios noturnos com ciclistas, que chegam a contar com até 800 participantes. “Evitamos as vias de maior fluxo para garantir a segurança dos que querem pedalar pela cidade”, diz. Quem usa a bicicleta em qualquer ocasião, seja em passeios, seja no trajeto cotidiano, deve se lembrar da necessidade de sempre portar o capacete, aconselha Fonseca. “Pode parecer mentira, mas os motoristas respeitam um pouco mais o ciclista de capacete. O que anda sem a proteção está mais sujeito a fechadas e encostões”, finaliza.

A posição a respeito do uso de meios de proteção não é consenso entre os cicloativistas. Há quem diga que, no caso de uma colisão, o equipamento não faz diferença. Entretanto, estudos realizados na Escola de Medicina da Universidade de Washington, Estados Unidos, apontam que a utilização do capacete reduz entre 75% e 85% os traumas na região do crânio e em 65% as lesões na região superior da face e do nariz.

Segundo dados do Mapa da Violência 2011, o número de mortes de ciclistas no trânsito aumentou na ordem de 73% em dez anos. Em 1998, foram 210 óbitos, ante 363 em 2008. Dessas ocorrências, 89% das vítimas eram do sexo masculino, e os estados de Rondônia, Roraima, Tocantins, Santa Catarina, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul mais que duplicaram a média nacional. Mas também aumentou o número de ciclistas



A **CONTINUUM** saiu pelas ruas de São Paulo e registrou o estilo e as bicicletas dos paulistanos. Com exceção da primeira foto desta página, um modelo dobrável, todas as outras são de roda fixa.

nas ruas. Em São Paulo, nos últimos dez anos, os deslocamentos de bicicleta aumentaram 183%, segundo o portal Terra.

Para o fotógrafo paulistano Ivson Miranda, que desde os anos 1980 integra os Night Bikers, primeiro grupo de passeios ciclísticos noturnos da América do Sul, os cicloativistas sempre foram vistos como um bando de loucos: “A cultura do carro no Brasil torna o andar de bicicleta uma coisa muito perigosa. Não estamos preparados ainda para esse modo moderno de viver a cidade. Por isso, o ciclista precisa estar atento em tempo integral e observar as regras de segurança e etiqueta. Deve andar sem fone de ouvido, sinalizar sua passagem e manter a calma em situações de estresse”, pondera.

Miranda defende o uso de ciclofaixas segregadas, a exemplo do que é feito em outros países. “Precisamos entender as características de cada cidade brasileira. No caso de São Paulo, por exemplo, temos dificuldades únicas: a topografia, a cultura agressiva no trânsito, a política omissa em várias frentes. Não dá para pensar o uso da bicicleta em São Paulo sem considerar a intermodalidade com o transporte coletivo”, enfatiza.

O EXEMPLO E OS INCENTIVOS

As políticas urbanas de transporte para a bicicleta andam em marcha lenta. A implantação de rotas que não se interligam e a falta de uma campanha maciça de educação de trânsito são exemplos disso. A retirada de um corredor exclusivo de bicicletas que esteve em funcionamento por alguns anos na Avenida Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo, é uma demonstração de retrocesso, assim como a proibição de uso dos bicicletários das estações do metrô paulistano no período

noturno. Por outro lado, pequenos avanços, como a liberação do uso de escadas rolantes para o transporte de bicicletas nessas mesmas estações, são comemorados efusivamente pelos ciclistas.

Na Dinamarca, no início de 2012, a primeira-ministra Helle Thorning-Schmidt e seus ministros se apresentaram para o primeiro dia de trabalho do ano pedalando. Na França, o ministro dos transportes, Thierry Mariani, anunciou uma série de incentivos relacionados ao uso da bicicleta: desde isenções às empresas que financiarem as despesas dos funcionários ciclistas com seu aparelho até o pagamento de 21 centavos por quilômetro rodado no trajeto de casa ao trabalho.

O sistema de locação de bicicleta é uma medida que se consolida na Europa. A paraense Mayra Jikings, estudante de pós-graduação em hotelaria, na Espanha, é entusiasta dessa política: “Quando morei em Paris, usei o Vélib. Agora uso o Bicing, em Barcelona. Para mim, é incrível ter à disposição bicicletas por um pequeno valor anu-

al e ainda poder pegá-las num lugar e deixá-las em outro sem me preocupar com a segurança”.

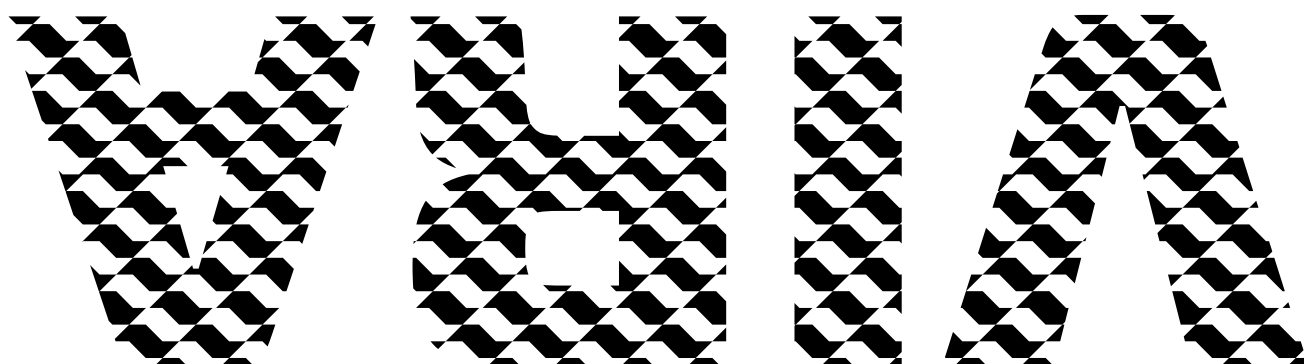
Para Hoppen, que também milita por ciclovias em sua cidade natal, Fraiburgo, Santa Catarina, há muito a fazer no Brasil, e a implantação de medidas apressadas não basta: “Primeiro, deve-se ter infraestrutura de qualidade”. Hoppen sugere a redução do imposto de renda para famílias com um carro ou que comprovem o uso da bicicleta e a redução da carga trabalhista para empresas que contratam pessoas da região em que estão sediadas. “Quem sabe uma bolsa-bicicleta”, brinca. “Acredito que quase todas as ações desenvolvidas na Holanda nos últimos 50 anos em relação à mobilidade urbana são aplicáveis a Fraiburgo e às demais cidades brasileiras. Infelizmente, nossas ideias ainda são empíricas. Para que soluções de qualidade sejam implantadas, precisamos de consultorias especializadas que façam uma análise da geografia da região e de vários aspectos sociais, arquitetônicos e de mobilidade urbana envolvidos em cada caso.” □

PELO FIM DAS BICICLETAS-FANTASMA

Mortes de ciclistas no trânsito exigem a punição dos responsáveis

No dia 2 de março de 2012, três ciclistas foram atropelados, em São Paulo, Brasília e Belém. Todos vítimas fatais de veículos de grande porte. Geralmente, quando um ciclista morre no trânsito, uma bicicleta pintada de branco é colocada no local como marco e memória do trágico acontecimento. As ghost bikes, como são conhecidas, são memoriais que devem (ou deveriam) lembrar a todos que somos humanos e que a fragilidade de nosso corpo é um contraponto à intensidade de nossas vontades. Elas são pequenos monumentos a gritar que, no choque entre um carro e uma bicicleta, o mais forte invariavelmente vence. Na mesma semana de março, em Recife, um ciclista quase perdeu sua vida num embate no trânsito. Niccòlo Maragon, funcionário do Tribunal Regional Federal, após uma série de cirurgias, pensa em deixar o uso da bike: “Nesta cidade, e no resto do Brasil, o ciclista é como um passarinho diante de uma espingarda, uma caça, não existe respeito nenhum”, desabafa.

CRIOLO



O JOGO

TEXTO carlos costa FOTOS jorge bispo

Da periferia para as capas de revista, Criolo carrega a sina de ter seu talento eclipsado pela origem humilde e batalha para seu protesto não virar clichê

“Fique atento, irmão, quando uma pessoa lhe oferece o caminho mais curto, fique atento.” A sentença, de inspiração bíblica, é proferida na primeira faixa, “Bogotá”, do disco *Nó na Orelha* (independente, 2011) – segundo do rapper Criolo. Com 370 mil downloads no site oficial, o álbum foi citado exaustivamente em listas dos melhores de 2011 e fez com que seu autor ocupasse capas de revista, protagonizasse (muitos) shows lotados e ganhasse prêmios (Melhor Disco, Revelação e Melhor Música, com “Não Existe Amor em SP”, no Video Music Brasil, da MTV; e Revelação/Música Popular, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, em 2011), tornando o rap mais hype.

Uma guinada na vida de Kleber Gomes, de 36 anos, um dos cinco filhos de Cleon e Maria, nordestinos que migraram para São Paulo e se fixaram na periferia da grande cidade para trabalhar por uma vida melhor. Kleber, a exemplo dos pais,

nunca escolheu os atalhos nem as portas largas. Trabalha desde cedo, vendeu de espetinho de carne a roupas e tentou ser arte-educador. Morou com os pais, no Grajaú, até os 35 anos, não por opção, mas por restrições orçamentárias. E parece ter a sina de ver seu talento sempre eclipsado por sua origem, como canta em “Sucrilhos”: “Gostam de favelado mais que Nutella”.

Sua trajetória no rap começou há 23 anos, com seu nome próprio. Virou Criolo Doido quando fez o primeiro registro fonográfico, *Ainda Há Tempo* (independente, 2006), e iniciou a produção de rinhas de MCs no Grajaú e redondezas. As rinhas integram a história do hip-hop brasileiro e consistem em encontros de mestres de cerimônia e cantores autorais de rap, para batalhas de improviso. “Não conseguia nem bancar minhas calças. Nunca tive dinheiro na vida e nenhuma dessas questões outras que fazem com que você

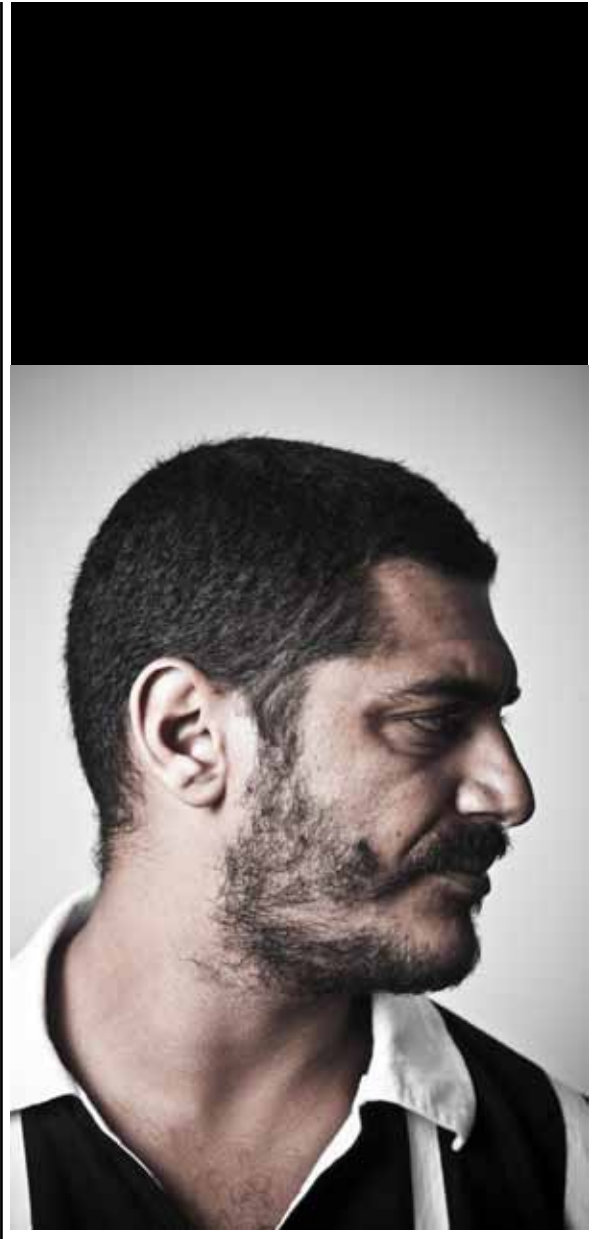
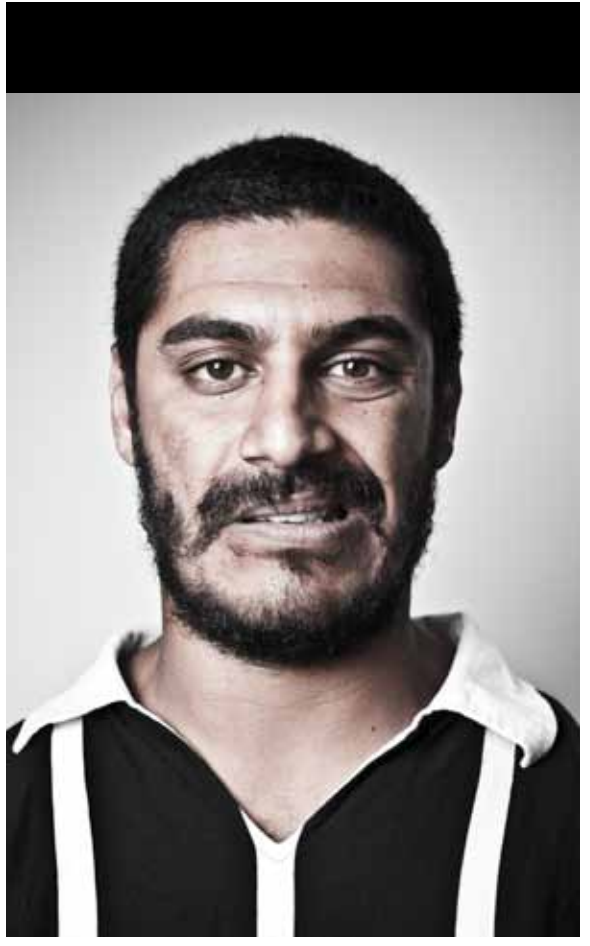
consiga construir minimamente alguma coisa dentro dessa colmeia”, atira Criolo.

Lutou pelo rap nacional e pensava em desistir da carreira quando gravou o segundo disco. Usou apenas o nome Criolo no trabalho, que é sucesso incontestável para qualquer um, menos para ele: “O *Nó na Orelha* é um acidente. Ia parar e um amigo me estendeu a mão para que eu registrasse as canções que eu cantava o tempo todo, por isso o nome. Quando termino uma poesia, já quero falar, porque não sei se vou estar vivo amanhã. Olha o tamanho do desespero, a fragilidade, como estou longe de ser um deus. Pelo contrário, sou aquele que carrega o andor, e o santo é pesado”, arrebatou.

Apesar da aparência pacífica e do jeito calmo, adota a defensiva sempre que abordado, recusando os rótulos. Sua fala é vertiginosa e ele insiste na

“CONTINUO FAZENDO O QUE FAÇO HÁ ANOS, QUE É CANTAR COM MEU CORAÇÃO, NÃO TER VERGONHA DE MOSTRAR MEUS DEFEITOS, QUANDO SOFRO E QUANDO POSSO SORRIR SE ALGO MARAVILHOSO ACONTECE. CONSIGO CELEBRAR, SÓ QUE A PROPORÇÃO ENTRE TRISTEZA E ALEGRIA AINDA ESTÁ MUITO DIFERENTE.”





negação dos clichês, forçando o interlocutor a penetrar em seu labirinto para entender seu protesto.

“OS PORQUÊS ESTÃO AÍ”

“Continuo fazendo o que faço há anos, que é cantar com meu coração, não ter vergonha de mostrar meus defeitos, quanto soffro e quanto posso sorrir se algo maravilhoso acontece, como a chegada de água encanada na rua de baixo para meus amigos poderem tomar banho na hora que quiserem. Consigo celebrar, só que a proporção entre tristeza e alegria ainda está muito diferente.”

Criolo não mora mais no Grajaú há um ano e não faz mais essencialmente rap desde o último trabalho e o salto para o mainstream. Não vê traição nessas mudanças, mas, sim, continuidade.

“Sua casa é onde você é feliz. Minha casa é no Grajaú. É na Rua 3 e na Rua 27, onde tem minha roda de samba. Sabe quando seu pai é obrigado a mudar de cidade por causa da firma? Meu pai já viveu isso e a história se repete comigo. É uma questão de sobrevivência. Não existe glamour no universo operário. Eu me sinto assim e com muito orgulho. Meu tabuleiro tem de ir para outras calçadas”, resume.

Sobre o rap e os estilos que surgiram nas suas composições (no *Nó na Orelha*, assina a autoria de todas as músicas, com exceção de uma,

que divide com Kiko Dinucci) também é taxativo. “Quando perguntam se sou maluco porque faço samba e bolero, com 20 anos no rap nacional, não percebem que nos meus textos está tudo o que essa vivência me ensinou. Dispa a sonoridade e leia o texto. Veja as similaridades que há entre as letras dessas músicas com as que fiz em 1992. Os porquês estão aí, latentes. Você é o que você é, mas as pitadas de cor e o sopro dependem do dia em que você está criando”, avalia.

E a roupagem de qualidade que ganhou sua música é dividida com os produtores, Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral, e os músicos que o acompanham. “São músicos que viajaram o mundo todo e tocaram com muita gente cabulosa. Quantas vezes subo ao palco e me dá um negócio na cabeça, então eu me ajoelho para agradecer a eles. Isso não é cena. É verdade.”

FUGINDO DOS RÓTULOS

Talvez seja no palco que melhor se possa entender Criolo e perceber seu talento. Por exemplo, em março passado, participou da maratona de shows *El Grande Conserto*, que a Casa de Francisca, centro cultural paulistano, promoveu no Teatro Oficina, no centro de São Paulo. Os shows começaram por volta das 18 horas, reunindo uma dezena de artistas, de Paulo Vanzolini a Arrigo Barnabé, que apresentavam algumas

músicas e se alternavam no palco. Criolo subiu com o grupo Marginals por volta da meia-noite e levantou o público cansado, mantendo-o atento e vidrado até o final.

Para esse ano, o cantor descarta a possibilidade de um novo disco, mas garante a participação em diversos projetos, incluindo turnês na Europa (no Festival Back2Black, em junho, em Londres) e nos Estados Unidos (em Los Angeles e no Festival Summer Stage, em Nova York, ambos em julho). Outro plano é retomar as rinhas em um novo espaço, o Matilha Cultural, ponto artístico da capital paulista, em encontros mensais e gratuitos.

Da suposta ascensão, que Criolo rechaça, veio o acesso a necessidades básicas, que ele relata agradecido, referindo-se, por exemplo, ao médico e ao dentista que lhe prestaram atendimento.

“Não é a história de um coitadinho. Minha história é a mesma da massa, de muita gente, e por isso tenho tanta cautela para falar das dificuldades, para não me colocarem um rótulo, o que seria mais fácil. Não estou aqui para manipular a vida de ninguém. Poderia contar uma sessão de histórias tristes e outra de lembranças maravilhosas que vivi com crianças e adolescentes nos 12 anos de arte-educação, mas o que é que eu construo? Pego um pau de escora aqui, outro ali, e vou ser o reizinho?” □

“QUANDO TERMINO UMA
POESIA, JÁ QUERO FALAR,
PORQUE NÃO SEI SE VOU
ESTAR VIVO AMANHÃ. OLHA
O TAMANHO DO DESESPERO,
A FRAGILIDADE, COMO ESTOU
LONGE DE SER UM DEUS. PELO
CONTRÁRIO, SOU AQUELE
QUE CARREGA O ANDOR, E O
SANTO É PESADO.”

NO TEMPO DA DELICADEZA

Homenagem de Chico Buarque e dueto com Caetano Veloso não deslumbram a nova estrela

Criolo foi convidado a assistir à estreia da turnê de Chico Buarque, em São Paulo, no último dia 1º de março. Ele foi ao show emocionado para rever a homenagem que o célebre artista fez para ele. Chico, perto do final do espetáculo, canta a versão rap que Criolo fez para “Cálice” (Chico Buarque e Gilberto Gil). A primeira vez em que ele viu a interpretação dessa versão foi em Belo Horizonte.

O rapper chegou um pouco antes, para evitar filas, e resolveu comer um cachorro-quente na barraca próxima ao local da apresentação. Aos poucos, as pessoas da rua perceberam quem estava ali e se aproximaram para parabenizá-lo pelo seu trabalho e tirar fotos.

Na hora de entrar na casa de shows, ele não escondeu o constrangimento, acentuado pela abordagem incisiva dos fotógrafos. A timidez o fazia passar uma imagem de estrela reclusa aos flashes.

Depois do show, tentando evitar a saída em meio à multidão, Criolo foi convidado a subir ao camarim. Aceitou e esperou, pacientemente, a hora de cumprimentar Chico Buarque. O assunto da breve conversa foi a versão de “Cálice”.

Criolo, que já dividiu o palco com Caetano Veloso e recebeu essa homenagem de Chico, insiste. “Tire o glamour, encare as pessoas e perceba que o que nos une é a delicadeza.”

PARA ALÉM DO QUE ESTÁ POSTO

Antes do sucesso na música, Criolo dedicava-se a projetos educacionais

A ligação de Kleber Gomes, o Criolo, com a educação é forte e permeia diversos momentos de sua vida. A começar pela relação com sua mãe, Maria Vilani Gomes. Eles fizeram juntos o curso colegial na rede pública, na década de 1990. Diferentemente do filho, que enveredou para a carreira artística, Maria seguiu estudando, fez duas universidades e pós-graduações e, atualmente, mantém o Café Filosófico, espaço de encontro para leitura e reflexão, no Grajaú.

A preocupação de Kleber com a educação está presente na rinha de MCs que ele organiza e que dialoga com as ações de educação não formal, ao proporcionar uma visão crítica da realidade. “No universo em que vivemos, somos todos criados para apertar o botão de alguma máquina. Perceber-se capaz de integrar um encontro como a rinha é algo mágico. Chega a ser físico, pois provoca uma sensação de estar de bem com a vida.”

A atuação como arte-educador levou-o a inscrever, em 2005, um projeto, ligado à organização não governamental Aldeias Infantis SOS Rio Bonito, de São Paulo, na primeira edição do Programa Rumos Educação, Cultura e Arte, do Itaú Cultural. “Era uma história de suspense, feita a partir de fotos, como quadrinhos”, explica.

Criolo evita falar do tema educação de forma banal para não parecer que quer se promover. “Foram 7 anos como educador e 12 trabalhando com criança e adolescente. Faço questão absoluta de separar isso de minha música, porque acredito que uma coisa não é pau de escora para a outra. Tenho muito respeito pelos professores e educadores. São coisas com as quais quis me envolver. Não é como se eu nunca tivesse comido um bolo de fubá e agora fosse falar de milho. Nós somos o próprio milho. Não descrevo a situação, eu sou a situação”, ilustra.

O cantor confessa saudades do universo da educação, mas com a ressalva de não se achar digno do título de educador. Planeja uma atividade no Grajaú, para oferecer a um público pequeno uma possibilidade de formação na área cultural, de acordo com suas aptidões.

Dessa experiência tira uma conclusão. “Devemos mudar a maneira como as pessoas enxergam o sucesso, o que é ser um vencedor. A gente procura, de todas as formas, que a criança cresça saudável e não perca sua identidade, mas chega determinada hora em que ela vai apertar botão, seja numa fábrica de fundo de quintal ou num belíssimo escritório de luxo. Faz diferença ter a consciência de que você é mais do que o que está posto.”

correr para não perder

Como em *De Olhos Bem Fechados*, de Stanley Kubrick, a peça *Sleep No More* conduz o espectador a uma inebriante jornada erótica e voyeurística e se torna hit cult de Nova York

TEXTO **pedro henrique frança**

Afora das esquinas afamadas da Broadway, *Sleep No More*, o novo espetáculo do grupo de teatro britânico Punchdrunk, foi parar nas páginas do jornal *The New York Times* na retrospectiva do ano passado, listado como um dos acontecimentos mais relevantes de 2011. A saga ao sucesso de público e crítica começou em março, com uma première, e a temporada se iniciou oficialmente em abril, completando agora um ano em cartaz com ingressos esgotados – é preciso pelo menos um mês de antecedência para adquirir o passe a uma experiência inesquecível, que “mexe com sua cabeça tão intensamente como um estimulante artificial”, nas palavras do crítico da mais importante publicação norte-americana, Ben Brantley.

Não é de hoje, entretanto, que a companhia vem consolidando seu espaço e derrubando as fronteiras do teatro tradicional. Encabeçada pelo diretor artístico Felix Barret, a Punchdrunk foi fundada em 2000 e, desde então, vem se apropriando de textos clássicos para colocar em cena seu jogo de interação entre artista e espectador, como se os dois universos coexistissem. Faust (Fausto), o legendário personagem alemão já retratado em vários setores artísticos – teatro, literatura, cinema –, foi alvo de Barret em 2006, o que lhe rendeu um prêmio do prestigiado Critics Circle Drama Award. O tema da vez é Shakespeare; o texto, *Macbeth*.

Como os nossos consagrados Teatro da Vertigem e Grupo XIX, a Punchdrunk se notabiliza por apropriar-se de espaços inabitados para montar esse espetáculo itinerante, alçado a hit cult rapidamente, no qual o espectador acompanha as cenas percorrendo os ambientes. Nesse caso, porém, os cenários são vários e o desenvolvimento da peça ocorre simultaneamente entre eles. Cabe a você escolher qual cena vai seguir – tendo muitas vezes de correr, literalmente, para isso.

Tudo é muito dinâmico e provocador. E o mais impressionante, em se tratando do dramaturgo inglês, conhecido por seus textos longos e complexos: a companhia faz isso sem ter de recorrer, quase que durante toda a encenação, ao uso da palavra. O gestual e a face são elevados a um patamar de importância ainda maior e acompanhados de muitos números de dança. “Difícil nos caracterizarem como dançarinos, mas, sim, como atores mudos”, disse Luke Murphy, um dos atores, ao *Times*.

Dança ou teatro? – o espectador inevitavelmente se perguntará ao final. Para a coreógrafa Maxine Doyle, que acumula parcerias com Felix Barret desde 2003 e foi responsável pela última turnê da pop star Shakira, o *Sleep No More* pode ser definido como “um espetáculo de teatro com uma companhia de dança no meio”. Ou mesmo uma metalinguagem, em que o limite entre o que é coreografado e o que é forma de expressão se dilui.

A tragédia, que envolve bruxaria e rito satânico, ocupa um galpão – união de três armazéns –, no descolado Chelsea, transformado num fictício McKittrick Hotel. Logo na entrada, os espectadores retiram seus ingressos – cartas de baralho que dão “acesso” ao lugar. Num clima noir de cabaré, grupos de espectadores são convidados a começar a jornada. Antes, porém, cada um deve vestir a máscara distribuída – que não pode ser retirada ao longo de quase três horas de espetáculo (inevitável lembrar de Tom Cruise, especialmente na cena do baile, no erótico jogo voyeurístico em *De Olhos Bem Fechados*, último longa de Stanley Kubrick).

O tempo, porém, passa rápido. Entre cenas intensas, como uma explosiva festa rave erótica num bar do hotel e brigas compassadas de forte impacto, o público pode caminhar (ou correr) entre ambientes vazios e soturnos, sempre em meio a cenografias meticulosamente pensadas. O fim da jornada – e ápice da tragédia – é impregnado de densidade e emoção. Os atores estão visivelmente exaustos – a montagem tem sete exibições por semana –, mas você ainda pode tomar um drinque no “bar do hotel” com música ao vivo de primeiríssima qualidade. Uma ótima pedida para dimensionar o impacto daquilo que acabou de ser presenciado e refletir sobre ele. Afinal, estava explícito: dormir não vai ser tão fácil assim. □

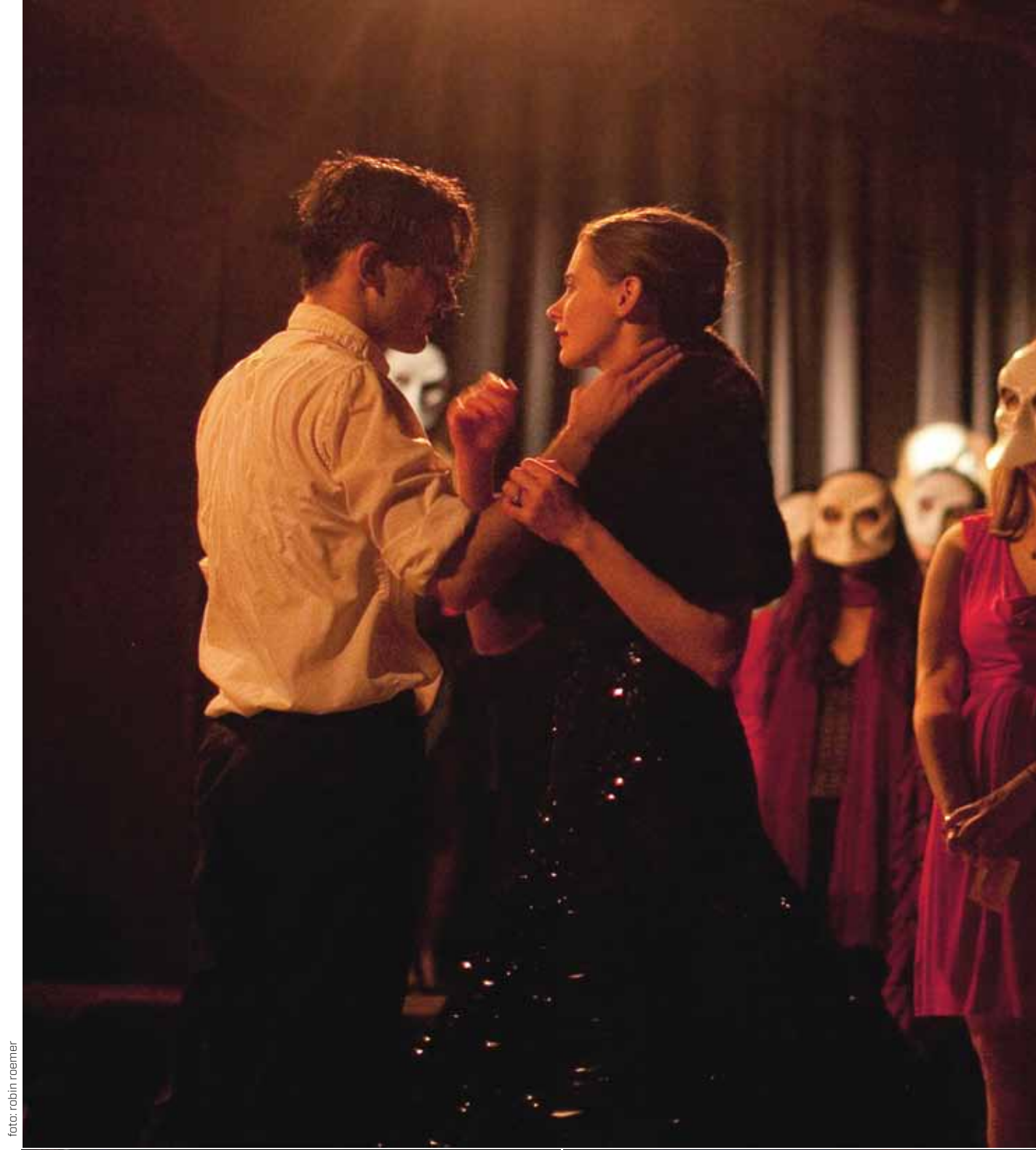


foto: robin roemer



foto: yaniv schulman



foto: matthew craig

TEXTO **flavia bancher**

Quem passa pela estação de metrô Gesundbrunnen, em Berlim, nem repara em uma porta metálica pesada que, quando aberta, dá acesso a um mundo inesperado de muitos corredores e ambientes estreitos, de ar rarefeito, que se estende por quatro andares subterrâneos. Pelo chão ainda há munição, já carcomida pelo tempo, camas de campanha e outros objetos de uma época passada. Familiarizando-se com o ambiente, parece que se ouvem as bombas caindo na cidade em 1945, em plena Segunda Guerra Mundial, as sirenes alertando a população e pessoas e mais pessoas entrando nesse ambiente claustrofóbico, no qual, agora, muitas décadas depois, nos encontramos como meros visitantes.

Estamos no museu Berliner Unterwelten – que em português poderia ser traduzido por mundos subterrâneos de Berlim –, antigo bunker tombado pelo patrimônio histórico em 1999, graças aos esforços da associação de mesmo nome, criada em 1997, e que tem à frente o urbanista Dietmar Arnold e seu irmão Ingmar. Além do museu, a associação mantém outros projetos e tem por objetivo a pesquisa e a conservação da arquitetura subterrânea da cidade, preservando a memória histórica e cultural e tornando esse espaço acessível ao público. Em 2006, representando a Berliner Unterwelten, os irmãos Arnold receberam o Silberne Halbkugel (Hemisfério de Prata), principal prêmio alemão de preservação do patrimônio histórico.

Além de exposições no próprio espaço do museu e outras temporárias em vários dos ambien-

tes de visitação, são oferecidas visitas guiadas a diversos pontos subterrâneos da cidade que variam de ano a ano. Vivenciar a realidade de antigos abrigos antiaéreos, passar por túneis que serviram como rota de fuga a moradores da então comunista República Democrática Alemã ou simplesmente conhecer uma das poucas adegas subterrâneas – onde, já no século XIX, se fermentava e armazenava cerveja – são algumas das opções do Berliner Unterwelten.

Financiada principalmente pela venda dos ingressos para as visitas guiadas, a associação tem cerca de 430 membros, entre arquitetos, historiadores, urbanistas, artesãos, advogados, policiais, estudantes e outros. Um terço, voluntariamente, cuida de tornar os espaços subterrâneos transitáveis ou representar a instituição em eventos. Há também funcionários fixos e freelancers. Divididos em grupos de trabalho, eles cuidam do suporte técnico, da montagem de exposições, da documentação e do preparo de materiais para apresentação ao público. Na livraria do museu é possível adquirir publicações próprias e de outras instituições. Seminários educativos, filmes e uma rica programação de teatro-documentário também são oferecidos para não deixar a memória subterrânea se apagar.

PASSADO A LIMPO

O resgate do passado pode levar a descobertas surpreendentes. É o caso do índice de cartões metálicos dos prisioneiros que executavam trabalhos forçados para a empresa de teleco-

municações C. Lorenz S.A. durante o período nazista. Em 2000, dois membros da associação, Reiner e Gudrun Janick, encontraram os cartões em um bunker da fábrica, na Rua Kollwitz, no bairro de Tempelhof. Em quatro armários já enferrujados, os dados de mais de 3 mil operários – nome, nacionalidade e data de nascimento e início na fábrica cunhados nas pequenas placas metálicas. O material foi entregue ao arquivo da cidade de Berlim e pôde ser usado por associações de ex-prisioneiros para requerer reparação. Apenas em Berlim foram estimadas 500 mil pessoas em regime de trabalho forçado durante a Segunda Guerra Mundial. Graças a essa descoberta da Berliner Unterwelten, 5 franceses, 15 belgas, 3 poloneses e 27 ucranianos conseguiram receber uma indenização em dinheiro por essa fase sombria de suas vidas.

Antes de sua constituição como museu, os subterrâneos de Berlim tiveram vários usos. No lado oeste da cidade, o governo investiu, no período da guerra fria, milhões de marcos alemães nos preparativos secretos para enfrentar uma possível catástrofe nuclear, reativando e adequando os antigos abrigos da Segunda Guerra Mundial e construindo outras instalações. Na estação de metrô Pankstraße, ao lado de duas portas estão combinações numéricas misteriosas, que passam despercebidas aos usuários. Elas são a senha para a entrada em um abrigo antiatômico. Esse espaço multifuncional, construído em 1977, tinha capacidade para receber mais de 3 mil pessoas por várias

HISTÓRIAS SOTERRADAS

Berlim esconde uma verdadeira segunda cidade repleta de histórias em seu subsolo. O museu Berliner Unterwelten é parte de um amplo projeto para preservar a memória e divulgar os acontecimentos vividos nesse espaço





Foto: Holger Hapfel

Os interiores do Berliner Unterwelten

VIVENCIAR A REALIDADE DE ANTIGOS ABRIGOS ANTIAÉREOS, PASSAR POR TÚNEIS QUE SERVIRAM COMO ROTA DE FUGA A MORADORES DA ENTÃO COMUNISTA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ OU SIMPLEMENTE CONHECER UMA DAS POUCAS ADEGAS SUBTERRÂNEAS - ONDE, JÁ NO SÉCULO XIX, SE FERMENTAVA E ARMAZENAVA CERVEJA - SÃO ALGUMAS DAS OPÇÕES DO BERLINER UNTERWELTEN.

semanas. É o quarto maior abrigo para civis de Berlim, ainda totalmente equipado e pronto para ser usado, com uma estação de água subterrânea para garantir o abastecimento em caso de emergência. Também o fornecimento de energia era previsto por meio de um equipamento a diesel. O que, porém, mais chama a atenção são os inúmeros beliches metálicos em um espaço claustrofóbico. Em alguns desses abrigos, como o de Gesundbrunnen, quando as luzes de emergência são desligadas, ainda se vê o brilho fantasmagórico da pintura luminescente nas paredes, portas e saídas de emergência, usada para prevenir o possível pânico em caso de blecaute. Máscaras de gás e outros objetos da época completam o clima de guerra. Sabe-se hoje que muitos desses abrigos tinham, na verdade, um efeito moral mais do que real, pois não protegeriam, de fato, a população no caso de uma explosão atômica.

Assim que o Muro de Berlim foi construído, em 1961, também começaram a ser feitos túneis do lado oriental, comunista, em direção ao lado ocidental, capitalista, o último deles surgido em

1985. No total foram 70 rotas de fuga diferentes sob a terra arenosa, o que possibilitou a evasão de mais de 300 pessoas. Nessa visita guiada, sente-se no ar o drama da luta entre a Stasi, polícia secreta e organização de inteligência da República Democrática Alemã, e as pessoas que escavaram túneis em condições perigosas. Talvez o ponto culminante da visita esteja na Rua Bernauer, onde sete túneis foram escavados sob a zona fronteiriça, tendo apenas 350 metros entre si. Ações espetaculares, traição, fracasso e sucessos misturam-se nessa história.

ESTAÇÕES-FANTASMA

Uma visita a outro mundo inclui a ida a uma Geisterbahnhof, estação-fantasma em Oranienplatz, e também acompanhar uma ex-linha-fantasma, que hoje é a 8 do metrô. Na Berlim dividida da guerra fria, desde 1961, a maior parte do trajeto de metrô e trem de superfície ficou no lado ocidental, mas alguns trechos levavam ao território comunista. Os moradores do lado ocidental podiam utilizá-las desde que não fizessem paradas na parte oriental, e vice-versa. Os trens passavam lentamente por esses trechos e os passageiros po-

diam ver guardas uniformizados nas plataformas de luz sombria, como fantasmas que iam ficando para trás. Embora oficialmente as estações não tivessem o epíteto de “fantasma”, é assim que a população expressou seu sentimento de viver em uma cidade que muitas vezes parecia irreal.

Em 2010, o museu recebeu perto de 210 mil pessoas para as visitas guiadas, e quase 1.500 nas apresentações teatrais e teve mais de 1,2 milhão de acessos ao seu site. Os números comprovam quanto os subterrâneos da capital alemã fascinam as pessoas, com suas histórias antes soterradas. □

SERVIÇO

Berliner Unterwelten – Brunnenstraße, 105 – Metrô U8 Gesundbrunnen – Berlim. Mais informações: berliner-unterwelten.de (a programação pode ser consultada, com todos os detalhes das visitas guiadas oferecidas, dos seminários e das peças de teatro). As visitas guiadas são em alemão, mas para grupos podem ser em outras línguas, se agendadas.

poplie valente

Ele é engenheiro de som, produtor e diretor musical, dono de festa e estúdio, DJ, cantor e instrumentista. Obstinado e perfeccionista com o seu trabalho e sempre rodeado de parceiros de peso e artistas de talento, **Daniel Ganjaman** ainda encontra tempo para participar de workshops e tem fôlego para acompanhar o cantor e compositor Criolo [leia reportagem de capa a partir da página 20] nos shows. O importante, como Ganjaman revela nesta entrevista, é estar comprometido com tudo o que faz do início ao fim. Para isso, esbanja personalidade e paixão pela música, uma arte tão plural quanto ele.

TEXTO roberta dezan FOTOS julia rodrigues



“ O DISCO PÓSTUMO [DO SABOTAGE] EXISTE E ESTÁ SENDO FINALIZADO. HÁ UM CUIDADO IMENSO, PORQUE NUNCA VOU DEIXAR SAIR ALGO PELA METADE COM O NOME DELE. A FINALIZAÇÃO DO TRABALHO ESTÁ PREVISTA PARA ABRIL E A IDEIA É QUE SEJA LANÇADO EM MAIO.

”

Como você aprendeu a fazer engenharia de som e produção musical?

GANJAMAN: Aprendi na prática. Nunca fiz curso de engenharia nem de produção. Fui pegando o microfone, plugando, vendo o que acontecia. Foi um processo intuitivo. Claro que fiz muita besteira, tomei várias broncas. O El Rocha, estúdio que montei em 1997 com a minha família, foi uma escola importante, porque produzimos discos de rock, punk rock, hard-core, além de trabalhos de rap e MPB. Gravamos discos de toda uma cena underground até nos tornarmos uma “marca registrada”, pois as pessoas começaram a nos procurar pela qualidade e por entendermos bem a linguagem de cada artista. Eu era o engenheiro principal da casa e, como a maioria dessas bandas não tinha produtores, acabava produzindo os discos. Só nesse tempo devo ter feito mais de cem.

O primeiro grande trabalho foi com o Planet Hemp?

GANJAMAN: Na verdade, não assinei nenhuma produção do Planet Hemp, pois atuei mais como coprodutor do disco (*A Invasão do Sagaz Homem Fumaça*, 2000). O primeiro álbum inteiro foi o do Sabotage (*Rap É Compromisso*, 2000) e foi algo legal para os dois lados, porque eu já tinha bagagem como produtor e o Sabotage tinha muito a apresentar. Fora isso, trabalhei em parceria com Zé Gonzales, que tinha grande habilidade com máquinas e com coisas ainda novas para mim. Esse trabalho alavancou muito o meu nome como produtor e o do Sabotage como MC e crescemos bastante juntos. Nesse período, entre 1999 e 2000, várias coisas aconteceram: fui chamado para produzir outros discos, o [coletivo musical] Instituto começou a nascer...

Como começou sua história com o Instituto?

GANJAMAN: O Rica Amabis e o Tejo estavam fazendo um disco, o segundo do Rica. Eles decidiram criá-lo de forma colaborativa e, nessa época, eu estava trabalhando bastante com isso, e circulando muito pela casa do Tejo, onde havia uma estação de gravação. Comecei a colaborar com o trabalho e eles me convidaram para fazer parte do disco. Montamos o Instituto inicialmente como um núcleo de produção, não exatamente como uma banda. A ideia surgiu do disco, mas nós tínhamos o intuito de ir além, produzir outros trabalhos, fazer trilhas sonoras, montar um selo de gravação.

E isso aconteceu numa época em que coletivos produtivos não eram comuns.

GANJAMAN: Acho que nesse formato nós somos pioneiros. Sempre nos inspiramos muito no trabalho do Mamelô Sound System, que na época também era um trio de produtores que se juntou para fazer um disco. Mas eles eram focados apenas nisso e nós queríamos ampliar, tanto que escrevíamos matérias no nosso site sobre diversos assuntos e fazíamos o programa de rádio, que teve mais de cem edições, apresentado pelo Rodrigo Brandão, do Mamelô, *Vitrola Invisível*. Foi uma época bacana, porque muito do que está consolidado hoje naquele tempo era embrião, fagulha de ideia.

Como é a dinâmica de trabalhar como cantor, instrumentista, DJ, produtor e engenheiro de som?

GANJAMAN: Isso nunca foi pensado, até porque trabalhar com música, da metade dos anos 1990 até a virada dos anos 2000, exigia uma polivalência que garantisse o pagamento das contas. Se eu focasse em ser apenas tecladista, não teria trabalho suficiente para me sustentar e sempre gostei de fazer tudo isso. Eu me meti em atividades diferentes, mas o envolvimento com todas essas coisas foi muito natural.

Algumas dessas atividades o desafiam mais, como cantar?

GANJAMAN: Gosto de cantar e até prefiro do que tocar. Como tecladista sei que em muitas situações vou me decepcionar com a minha performance. Já cantando o limite é mais lúdico, pois a voz tem uma identidade, é mais pessoal. Agora, acredito que o grande desafio seja o trabalho como engenheiro de som, porque o Brasil carece muito de profissionais de extrema qualidade. Há alguns muito bons, mas falta formação, pessoas capacitadas em todos os cantos do país. Em São Paulo, há uma quantidade maior de bons engenheiros de som, mas ainda é insuficiente. Eu me considero um bom engenheiro de gravação, de mixagem, mas é algo em que pretendo ir mais além. Na maioria dos discos que produzo, eu gravo e mixo, é uma polivalência do meu trabalho que valorizo. Vale a pena, pois fica impresso o meu jeito de conceber. O disco do Criolo, por exemplo, muita gente ouviu e disse que, apesar de não saber que eu tinha produzido, reconheceu que havia um dedo meu ali.

Você realiza muitos trabalhos em parceria com outros profissionais e parece que mantém uma relação de amizade com todos eles. Como funciona a escolha dos seus parceiros?

GANJAMAN: Costumo dizer que fui premiado com amigos geniais. Acredito que a música, por ser uma arte colaborativa, transcende o caráter técnico. Não é o cara que é o melhor guitarrista, é o guitarrista que melhor se enquadra ao que você quer fazer. Isso vale para o

“EM MUITAS ENTREVISTAS ME PERGUNTAM: ‘QUANDO VAI SURGIR UM PRÓXIMO CRIOLO?’. CARA, NÃO SURGE. UM CRIOLO NÃO APARECE TODO ANO. EXISTE UMA SAZONALIDADE PARA UM ARTISTA COMO ELE DAR AS CARAS.”

produtor também. E o diálogo musical, às vezes, traz uma afinidade que fatalmente esbarra no pessoal. A maioria das minhas relações de trabalho é firmada com amigos e é uma sorte poder produzir com gente tão talentosa. Considero o Kiko Dinucci, o Pupillo, o Fernando Catatau músicos absurdamente incríveis. E já atuei com vários produtores que admiro, como Rica Amabis, Tejo, Zé Gonzales, Apolo Nove. Com Marcelo Cabral comecei agora, mas nós também temos muita afinidade profissional, o que torna tudo bastante prazeroso.

Falando em admiração e parceria, como era sua relação com Sabotage?

GANJAMAN: Conheci Sabotage quando ele participava do grupo de rap RZO. Quem convidou a mim e o Zé Gonzales para produzir o disco (*Rap É Compromisso*, 2000) foi o Mano Brown, dos Racionais MCs. O Sabotage era uma pessoa muito carismática, que cativou toda a equipe. Musicalmente era muito criativo e foi uma experiência incrível. O disco do Instituto tem duas músicas com a colaboração dele que são pontos-chave e, nos primeiros shows, quando resolvemos levar o disco *Coleção Nacional* (2002) para o palco não tivemos dúvida de que ele era nosso MC número 1. Fizemos uns cinco ou seis shows incríveis e foram as únicas vezes que o Sabotage tocou ao vivo com uma banda. Nesse tempo começamos a trabalhar no que viria a ser o segundo disco dele e tivemos apenas alguns dias: segunda, terça, quarta e quinta; na sexta ele foi baleado; deu tempo de compor umas cinco ou seis bases. Foi a pior perda da minha vida, pessoal e profissional. Sabotage foi o melhor MC com quem já gravei. Com ele aprendi muito: a trabalhar com rap e a entender o MC de uma forma mais técnica.

E o disco póstumo?

GANJAMAN: O disco póstumo existe e está sendo finalizado. Muitas coisas aconteceram nesse tempo; e tiveram a ver com a família, os amigos e as pessoas envolvidas com ele profissionalmente. Há toda uma pressão, mas principalmente há um cuidado imenso, porque nunca vou deixar sair algo pela metade com o nome do Sabotage. É muito importante que tudo aconteça da forma correta e que ninguém se sinta prejudicado. Faço isso pela família, pelos filhos dele. Já contamos com participações bacanas, como a da Nação Zumbi e de alguns MCs que estavam em seu primeiro disco, e ainda estamos fechando parcerias. A finalização do trabalho está prevista para abril e a ideia é que seja lançado em maio.

Quando estava trabalhando no disco do Criolo, você imaginava que teria essa repercussão toda?

GANJAMAN: Estava comprometido com outros trabalhos e Marcelo Cabral me convidou para produzir o disco com ele. Quando nos encontramos, de cara Criolo cantou “Bogotá”, “Freguês da Meia-Noite”, “Subirus-doistiozin”, ou seja, parte das músicas que seriam hits do disco; e o Criolo, que tem uma coisa meio profética, disse nesse dia apontando para as pessoas que estavam ali: “Esse disco vai mudar a sua vida, e a sua vida, e a sua vida”. Eu o enxerguei como um cara intenso, forte. Começamos em estúdio e, no meio do processo, passamos a ter a real dimensão do grande diferencial do projeto, que vinha justamente do próprio Criolo. Ele tem um lance de compositor e cantor que há muito tempo eu não via, por isso começamos a valorizar mais o que estava acontecendo e passamos a pensar mais estrategicamente. E é curioso que em muitas entrevistas me perguntem: “Quando vai surgir um próximo Criolo?”. Cara, não surge. Um Criolo não aparece todo ano. Existe uma sazonalidade para um artista como ele dar as caras. Não que não exista; deve haver centenas de artistas como ele espalhados pelo mundo, mas o Criolo teve a conjunção astral para a coisa acontecer num momento muito propício.

Essa “conjunção astral” tem a ver com o momento que o rap está atravessando e com outros artistas, como Kamau e Emicida?

GANJAMAN: Acho que não é mérito de um nem de outro. É a coisa do momento. Emicida foi muito responsável por colocar o rap nesse patamar, porque foi quem peitou e se colocou à prova em razão de uma coisa maior. Essa música sempre olhou para dentro, sempre falou muito consigo mesma. A partir do momento que o olhar é direcionado para fora, a temática das letras, as batidas, os arranjos e até o trato com as pessoas mudam, as coisas se transformam. Emicida teve essa sacada e foi importante, até mesmo para o trabalho do Criolo. Na verdade, foi bom para os dois, pois eles conseguiram ampliar a cena do rap e, com isso, abriram portas para muita gente, como Flora Matos, Karol Conká, Lurdez da Luz, Rashid e Projota. O Kamau também é um dos grandes responsáveis por tudo o que



Ganjaman: multiplicidade de projetos e parcerias que estão ajudando a dar uma nova cara à música brasileira

está acontecendo, porque ajudou muito essa molecada. Eles tiveram momentos em que os caminhos se cruzaram de um jeito historicamente importante. E como produtor acredito que o próximo artista ligado ao rap a estourar deva ser uma menina, alguém com um apelo um pouco mais popular, como a Flora Matos ou a Karol Conká, dois grandes talentos.

Em um disco, você consegue identificar o que é real e o que é fruto da interferência do produtor musical?

GANJAMAN: É muito visível, mas é claro que é menos gritante quando é feito com competência. Acredito que, hoje em dia, é importante para as bandas entender que é fundamental tocar bem, os músicos têm de ser bons, e o show ser incrível. Fazer disco é legal, fico feliz com o resultado, só que, para o trabalho ficar bom, o cara precisa tocar. De qualquer forma, mais do que tudo, resultado de disco é coerência.

Você acredita que a crítica especializada entrou em declínio com o mercado fonográfico?

GANJAMAN: Hoje quem vai lhe dizer qual é o disco mais legal é o seu amigo do Facebook ou do Twitter ou o artista que você gosta e segue nas redes sociais. Então, a opinião dos críticos já não vale tanto. Antigamente todo mundo se guiava pela mídia impressa, mas foi-se o tempo em que o cara detonava o seu disco num grande jornal e você se via sem saída. Considero o jornalismo muito importante, a crítica de música feita por quem é

conhecedor do assunto é muito gostosa de ler e sempre quero saber o que estão falando. Para o meu trabalho não faz a menor diferença, mas se para o artista também não fizesse ele não contrataria assessoria de imprensa. É claro que, dependendo do que é dito, pode causar prejuízos e se vejo uma besteira muito grande publicada fico realmente incomodado; queria até me incomodar menos, porque é impossível ter o controle de tudo.

Você já participou de diversos festivais, no Brasil e em outros países. Cada vez mais festivais internacionais têm feito edições por aqui, muitas delas cercadas de polêmicas em relação a lineup, cachês dos artistas e preços dos ingressos. O que você pensa sobre isso?

GANJAMAN: Considero que vivemos um momento muito interessante do mercado de shows no Brasil, porque tudo que é feito lota. Mas todos os festivais realizados por aqui recentemente têm três problemas seriíssimos: o primeiro é o preço. Esses valores só seriam plausíveis para um show exclusivo, nunca para um festival. Outra questão inadmissível é a área VIP. É claro que ela pode existir, mas colocá-la no melhor lugar e cobrar cinco vezes mais é surreal. É um negócio deprimente, porque é fora dessa área que estão os fãs de verdade. E o terceiro problema é a questão de lineup, porque ainda nos encaramos como terceiro mundo e damos os melhores horários aos artistas de fora. Acho que quem acaba perdendo com isso são os fãs, pois às vezes o artista nacional tem mais público que o gringo ou tem tanto quanto. E ainda há a história dos cachês. O Brasil está inflacionando o mercado por pagar valores muito acima do que é praticado nos demais países. E ainda trazemos muitos artistas fora de época e de forma. Mas, apesar de tudo, minha visão é otimista, pois acho a circulação desses festivais por aqui muito benéfica. □

ensino 2.0

Novas tecnologias, aliadas à proliferação de dispositivos móveis, abrem caminho para uma forma revolucionária de aprendizagem: o mobile learning

TEXTO dafne sampaio

ILUSTRAÇÃO liane iwahashi



“

N ã o é j u s t o q u e , e m u m m u n d o
e m r e d e , t e n h a m o s d e a p r e n d e r
c o m a s m e t o d o l o g i a s d e s e m p r e .”

Durante séculos, e em tudo que é canto do planeta, a estrutura hierárquica entre professores e alunos se manteve inalterada, rígida, e acabou entranhando no próprio processo educativo, com raríssimas exceções. Mas, neste início de século XXI, o que era sólido vem tomando outras formas e não deve demorar muito para a ideia que temos de sala de aula passar por mudanças radicais e a própria aprendizagem se tornar uma intensa via de mão dupla. Curiosamente, os dispositivos móveis (tablets, iPads, smartphones e celulares), grandes inimigos dos professores – por seu poder dispersivo –, estão entre as ferramentas que terão papel fundamental nesse novo estado das coisas.

“Não é justo que, em um mundo em rede, tenhamos de aprender com as metodologias de sempre. O m-learning [mobile learning] oferece a possibilidade de gerar conhecimento coletivo, de transformar educadores e alunos em verdadeiros produtores de conteúdo, apoiados em tecnologias de criação e publicação”, conta o colombiano radicado no Brasil Martín Restrepo, que fundou, no ano de 2008, em sociedade com Érica Casado, a Editacuja, editora que trabalha com projetos educacionais e de produção cultural. “Desde então, nós nos aprofundamos no mundo do mobile learning e nas possibilidades de, com apoio de dispositivos móveis, fazer de qualquer lugar uma sala de aula.”

O campo para tal empreitada é gigantesco. Atualmente, no Brasil são 242,2 milhões de dispositivos móveis – o que torna o país o 5º maior mercado de mobilidade no mundo. Todo esse potencial fez com que Restrepo, ex-engenheiro eletrônico, lançasse em fevereiro deste ano a Mobile Education Lab (MEL), primeira comunidade colaborativa de projetos educa-

cionais com dispositivos móveis da América Latina, durante o Mobile World Congress (da GSMA), em Barcelona.

“Cada dispositivo móvel tem suas oportunidades e limitações. Se pensamos em um celular básico, ele possui SMS, voz e recursos multimídia. Só com esses elementos posso desenhar atividades educacionais. Se cogitamos smartphones, temos a possibilidade de trabalhar com aplicativos, internet, mas neles não é possível colocar um conteúdo muito extenso, a linguagem tem de ser outra. Com tablets, pelo tamanho das telas, consigo desenvolver livros interativos, com objetos em 3D, animações, infográficos e recursos que podem ser inseridos nas minhas publicações, motivando sempre o estudante a produzir conteúdo”, exemplifica Restrepo. A parte mais complexa da história está em explicar como aplicar essa tecnologia no dia a dia de novas práticas de ensino, enquanto se qualifica professores para utilizá-las.

O grande desafio, no entanto, não diz respeito apenas à tecnologia em si, mas, sim, à aceitação e ao envolvimento das instituições de ensino. “Tudo depende do DNA da escola. Por isso ela deve se preparar para mudar junto com as inovações que nos acompanham hoje”, acredita Restrepo. Algumas instituições espalhadas pelo país estão começando a inserir tablets no material escolar, entre elas o Colégio Bandeirantes (São Paulo), o Centro Educacional Sigma (Brasília) e o Colégio Ari de Sá (Fortaleza). Mas é o Lourenço Castanho, de São Paulo, o pioneiro na utilização do m-learning.

O diretor-geral do colégio, Alexandre Abbatapaulo, afirma que o interesse do Lourenço Castanho surgiu da “possibilidade de usar as novas tecnologias móveis como recurso didá-

tico”. Outra questão fundamental foi a ideia da mobilidade, por meio da qual se pode ensinar e aprender em qualquer local. “Será mais uma opção de recurso didático que, se bem utilizada, contribuirá para aproximar o ensino da realidade dos jovens”, afirma.

Fábia Antunes, professora do colégio Lourenço Castanho, fez o curso de capacitação em m-learning e foi surpreendida para além de suas expectativas. “As aulas serão mais interessantes e significativas para os alunos e o trabalho interdisciplinar será mais viável. Especificamente para a minha disciplina [educação física], acredito que essa variedade de recursos multimídia trará mais reflexão sobre as práticas corporais na vida cotidiana”, acredita.

A ideia não é substituir os livros e o ensino tradicional por uma infinidade labiríntica de aplicativos, mas utilizar a tecnologia como material complementar, um reforço necessário para um mundo novo de múltiplas possibilidades. Pegando a mesma onda, o Ministério da Educação iniciou o processo de licitação para a compra de 600 mil tablets que deverão ser distribuídos no segundo semestre a professores da rede pública urbana de ensino médio – todos de olho numa realidade cada vez mais colaborativa. Restrepo, por exemplo, tem um sonho: “Imagino uma escola que vá além dos próprios muros, se torne o centro da comunidade e se abra ao público, na qual a produção de conhecimento, conteúdo e atividade faça parte de um imenso repositório coletivo, baseado na cocriação, na colaboração e na aprendizagem em rede. Temos hoje a grande oportunidade de reinventar a educação e a mobilidade está se tornando estratégica para que tudo isso aconteça”, conclui. □

“Eu só quero fazer”

Aos 81 anos, comemorados em janeiro, a poeta e dramaturga Renata Pallottini segue exercendo o seu ofício de dar forma à delicadeza

TEXTO ieda estergilda de abreu FOTO patricia stavis

*Trabalhando de canivete, no pau de aroeira:
– mas assim você não vai acabar nunca!
– Eu não quero acabar
eu só quero fazer.*

(In: PALLOTTINI, Renata. *Chocolate amargo*. São Paulo: Brasiliense, 2008)

Ela não para. Terminou de escrever um novo romance – ou narrativa em prosa –, *Eu Fui Soldado de Fidel*, que revive as lembranças da amiga Fidelina González, integrante das milícias da revolução cubana. Trabalha na trilogia de ensaios sobre o gênero romance policial, da qual já deu conta de dois autores: o cubano Leonardo Padura Fuentes e o brasileiro Luiz Alfredo Garcia-Roza (o terceiro volume será sobre a americana Donna Leon). E ainda tem a poesia e o plano de continuar a escrever a história do avô anarquista.

Renata Pallottini nasceu há 81 anos na “Frei Caneca, em Maternidade fresca”, como relata em *Sair de Sampa*. Torce pelo Corinthians desde pequena. “Futebol é uma coisa viva, um prazer. Até certa idade eu ia aos campos, hoje já não dá, mas leio as páginas esportivas, discuto com as pessoas.” Poeta, advogada, professora universitária e dramaturga, chegou a ser presidente da Comissão Estadual de Teatro, de 1969 a 1970, sucedendo à atriz Cacilda Becker. Qualidades e qualificações à parte, “tem também muitos defeitos, é uma criança, ainda”, brinca sorrindo e com olhar maroto.

Sobre as múltiplas expressões artísticas, diz que é difícil separar seu ofício em tantas partes. “Nem quero, sou uma escritora”, enfatiza. Com mais de 20 livros publicados e autora de 21 peças teatrais, além de vários roteiros para seriados de televisão

e de traduções e ensaios, Renata recebeu prêmios como Molière, Anchieta e Governador do Estado, em teatro; Pen Club e Jabuti, em poesia; e APCA, em tradução e televisão.

A MARCA DO POÉTICO

É na poesia que Renata diz realizar-se com plenitude. Todas as outras formas em que se debruça levam a marca inconfundível do poético, o que a caracteriza e a diferencia como criadora. Desde os primeiros poemas publicados nas revistas da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, nos anos 1950, até a produção atual, Renata empreende uma busca constante pelo melhor. Para ela, não se aprende a ser poeta. “Creio que se pode buscar um aperfeiçoamento; porém, não sei se isso pode ser chamado de aprendizado para escrever poesia.”

Na contracapa de seu livro *Chocolate Amargo* (Brasiliense, 2008), o crítico Álvaro Cardoso Gomes diz que Renata Pallottini faz uma poesia entre lírica e indignada, terna e crua. Para a autora, “a poesia lírica não se pode caracterizar apenas como pura versão de amores contrariados, de emoções individuais e privativas, ela é e tem sido, através dos tempos, denúncia, arma de combate e palavra modificadora”. Por isso, ela se comove com os versos de Federico García Lorca, Oscar Wilde, Walt Whitman, Castro Alves, So-

phia de Mello Breyner Andresen, Rafael Alberti e tantos outros. Carlos Drummond de Andrade, com quem se correspondeu durante 25 anos, disse que a poesia de Renata “é uma das realizações mais vibrantes no campo do lirismo voltado para a vida real e imediata, a vida não pintada de sonho”. A escritora encontrou Drummond uma única vez, ganhou dele um poema e guarda a lembrança de “uma pessoa extremamente terna”.

Renata começou a escrever cedo, atendendo a provocações da sua sensibilidade ou indo atrás do que lhe irritava “a pele da alma”. Os primeiros livros (*Acalanto*, 1952; *O Cais da Serenidade*, 1953; *O Monólogo Vivo*, 1956; e *A Casa*, 1958) são “conjuntos de poemas soltos, sem intenção unificadora”. Depois dessa fase, seus trabalhos se tornaram mais planejados, menos confessionais. O balanço que faz de mais de meio século de poesia revela o desejo de continuar a dialogar com todos. “Escrevo para fazer contato, para tocar o outro e me sentir tocada.”

Sobre a geração de poetas que se encontra hoje na casa dos 40, 50 anos ela observa que, apesar de haver muita gente que faz poesia de qualidade, a maioria da produção dos mais jovens não é boa. “Um ou outro se destaca, e procuro fazer o que fizeram comigo: encorajar a escrever sempre, publicando ou não. Fico preocupada com os que





Renata Pallottini: aos 81 anos, mais de 20 livros publicados e 21 peças escritas

se apoderam dos espaços nos meios de comunicação, pois nem sempre são os melhores. Uma coisa é produzir um grande trabalho, outra é ficar investindo nessas formas de divulgação. Se você gasta muita energia para procurar caminhos para aparecer, está desperdiçando a energia que deveria ser gasta na verdadeira produção.”

AMOR AO PÚBLICO

A atração pelo diálogo e pela expressão do conflito a levou a escrever para o teatro. Na Espanha, onde viveu entre 1959 e 1960, com uma bolsa de estudos e para onde sempre volta, escreveu a primeira peça, *A Lâmpada*. Com a comédia *O Crime da Cabra*, de 1965, ganhou os prêmios Molière e o Governador do Estado. Em versão curta, o texto foi lançado antes no teleteatro da TV Excelsior, com direção de Ademar Guerra e Antunes Filho. Sete anos depois, a censura vetou *Enquanto se Vai Morrer*, drama sobre a história da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. “A censura interferiu na minha carreira e na minha evolução; ela provoca um vácuo no autor, fica uma coisa atravessada na garganta.” Em 2006, Renata comemorou o lançamento do seu *Teatro Completo* (Perspectiva), com 888 páginas que reúnem suas 21 peças.

Ela vê o teatro de hoje mais sensorial, fragmentado, de pouco texto, “calcado muito no monólogo – por razões até de ordem prática”. Entre os nomes da

nova geração, considera o pernambucano Nilton Moreno um grande autor, e sua peça *Agreste* uma obra-prima. Outra característica do teatro atual, segundo ela, são as adaptações de grandes autores. Para Renata, esse caminho é especialmente difícil, pois nem sempre as recriações estão à altura dos originais. “Acho mais válido criar por si só.”

Na televisão, escreveu para grandes projetos, como a série *Malu Mulher*, da Rede Globo, e para o programa infantil *Vila Sésamo*, da TV Cultura. Ainda hoje, mantém o hábito de assistir TV, “não só por gosto, mas também por uma questão profissional. Quando estreia uma telenovela, os jornais e as rádios me telefonam pedindo opinião e digo que não estou vendo essa, mas aquela outra, e me divirto. A TV é um veículo poderoso, que atinge milhões de pessoas. Para o escritor, é a possibilidade de ter sua obra vista em Goiás, no Rio Grande do Sul e no Amazonas ao mesmo tempo”.

Renata acredita que, com a sua idade, ter uma saúde razoável é fundamental. “Pensar legal, ainda poder andar pelas ruas, gostar de conversar com as pessoas, apreciar um bom prato, um bom copo de vinho, poder viajar. Tenho bons amigos, gosto deles, gosto da vida. A perspectiva nesta faixa etária não é grande, mas o quanto se puder seguir em frente é prêmio, ganho. Tristezas, perdas, lutos, tudo faz parte quando se vive muito.” □

A PENA COMO INSTRUMENTO

LEIA TRECHOS DE POEMAS DE RENATA PALLOTTINI

“Carregar esta pena como um instrumento
carregar este instrumento como um castigo
carregar este castigo como uma pluma.”

Pena (poética). In: PALLOTTINI, Renata.
Um calafrio diário. São Paulo: Perspectiva, 2002.

“Monta em pelo essa besta
Talvez que te derrube

Monta em pelo essa besta
ou te derruba o mundo.”

Monta em pelo essa besta. In: PALLOTTINI, Renata.
Chocolate amargo. São Paulo: Brasiliense, 2008.

“São onze contra onze/e o povo em frente/
É o jogo da bola/e o povo enfrenta/
É a pura compra e venda/e o povo crente/
Sem nenhum pão no dente/de bandeira na mão/os
guardas pela frente/o pau quebrando/
(e a Fiel comparece!)/o povo paga sempre/
o povo esquece!”

O dia em que o Corinthians foi campeão. In: PALLOTTINI, Renata.
Obra poética. São Paulo: Hucitec, 1994.

“Que tarde dourada/amável e calma!/
Sou fácil, sou forte/e não me dói nada.
Acho até que cheguei/não sei aonde/
mas não me importo/saberei mais tarde
... e me sinto Renata./Que pedaço tão doce/
de vida me coube,/que gole de leite/
me escorre da boca!”

In: PALLOTTINI, Renata. *Obra poética*. São Paulo:
Hucitec, 1994.

“Fico contente quando vejo gente/na minha casa./Fico
contente quando vejo doce/na minha mesa./
Fico contente quando vejo riso/no meu vizinho./
Quando vejo a rosa/no jardimzinho./Quando vejo amor/
Esparramado para os passarinhos./
Fico contente quando vejo a lua/Na minha rua.”

Alegria. In: PALLOTTINI, Renata. *Café com leite*. São Pau-
lo: Quinteto Editorial, 1988.

📖 Saiba mais sobre Renata Pallottini na enciclopédia de literatura brasileira e de teatro do Itaú Cultural. Consulte <itaucultural.org.br/enciclopedias>.

QUALIDADE E PERENIDADE

Siba, Lucas Santtana, Céu, Rodrigo Campos, Felipe Cordeiro e Thiago França se destacam nos lançamentos musicais deste início de ano

TEXTO **lucas nobile** FOTOS **luiza sigulem**

Há um bom tempo, com a crise mundial do mercado fonográfico, muito se discute sobre o que há de efêmero na produção musical e sobre o que, de fato, irá permanecer. Saudosistas de plantão insistem na linha de pensamento de que “não se faz mais música como antigamente” e que as pessoas não “apreciam mais um disco por inteiro, de cabo a rabo”. Com diversos artistas ainda Tateando um terreno obscuro para compartilhar suas criações – e serem remunerados por isso –, independentemente dos debates acalorados sobre os melhores canais de distribuição e meios de audição, não se pode fechar os ouvidos para a qualidade e a perenidade da música brasileira nos últimos tempos.

Não é preciso ir muito longe. O ano de 2011 se mostrou memorável, com discos extremamente benfeitos, em diversos gêneros, segmentos e estilos. Na lista, lançamentos de Criolo, Marcelo Camelo, Lirinha, Junio Barreto, Gui Amabis, Metá Metá, Passo Torto, Marginals, Hamilton de Holanda e André Meh-mari, entre outros.

Se você ainda duvida que 2012 manterá a mesma excelência musical do ano anterior, veja alguns trabalhos que despontaram neste começo de ano. Além dos álbuns de Siba, Lucas Santtana, Rodrigo Campos, Felipe Cordeiro e Thiago França, prometem sair do forno os de Otto, Rodrigo Amarante, Nação Zumbi, Mombojó, Cidadão Instigado e Tom Zé.



O DEUS QUE DEVASTA MAS TAMBÉM CURA, DE LUCAS SANTTANA

(DIGINÓIS)

O baiano radicado no Rio de Janeiro já havia dado provas de seu crescente amadurecimento criativo no disco anterior. Se tivesse sido lançado nos anos 1970, *Sem Nostalgia* (2009) seria tão cultuado quanto *Transa*, de Caetano Veloso, ou *A Tábu* de *Esmeralda*, de Jorge Ben Jor. Seu quinto álbum, *O Deus que Devasta mas Também Cura*, dá um passo adiante e confirma as expectativas.

Além de exímio compositor e instrumentista, conhecedor de efeitos tecnológicos e cantor cada vez mais afinado, Lucas Santtana tem outro ponto positivo: sabe como ninguém criar climas sonoros densos e emotivos em estúdio. Uns chamam seu trabalho de pop benfeito, mas seria melhor chamar de canções marcantes e atemporais.

São oito faixas autorais, além das antológicas “Músico” (Tom Zé, Herbert Viana e Bi Ribeiro) e “O Paladino e Seu Cavalo Altar” (versão de “This Is Not The Fire”, da banda My Tiger My Timming). O disco é elevado ao patamar de um dos melhores dos últimos 15 anos graças também ao time que ajudou a concebê-lo, com nomes como maestro Letieres Leite, Orkestra Rumpilezz, Céu, Gui e Rica Amabis, Curumin, Kassim, Guizado, Marcos Lobato e dos integrantes da banda Do Amor Marcelo Callado, Ricardo Dias Gomes e Gustavo Benjão.

Lucas Santtana reúne time de pesos pesados da música brasileira e se afirma como um exímio criador de climas sonoros



Felipe Cordeiro, mais uma grata surpresa da safra paraense

AVANTE, DE SIBA
(INDEPENDENTE)

Após cinco anos mergulhado em vivências na região de Nazaré da Mata, em Pernambuco, Siba optou por se reinventar. Em busca de um novo modelo para si mesmo – depois dos trabalhos com as bandas Fuloresta do Samba e Mestre Ambrósio e com o violeiro Roberto Corrêa –, o compositor, cantor e multi-instrumentista deixou a rabeca de lado e encontrou na guitarra o caminho para sua inventividade.

Em termos instrumentais, *Avante* é fortemente influenciado pela música africana, mais especificamente pelos sons vindos do Congo. Riffs, harmonias e melodias para lá de inspirados acompanham os versos – todos assinados por Siba, um dos maiores poetas de sua geração.

Com produção de Fernando Catatau, participação de Lirinha (“Um Verso Preso”) e Teco Cardoso (“Canoa Furada”) e instrumental comandado por Antonio Loureiro (teclados e vibrafone), Léo Gervázio (tuba) e Samuel Fraga (bateria), o disco tem como destaque as faixas “Qasida”, “Avante”, “Bravura e Brilho” e “Brisa”. O resultado é um álbum que desponta como forte candidato a melhor do ano.

KITSCH POP CULT, DE FELIPE CORDEIRO

(APCE MUSIC)

A música produzida no Pará, com seu caldeirão de misturas “aceleradas”, tem chegado a outros centros do país por mérito. A bola da vez é o compositor e multi-instrumentista Felipe Cordeiro, com seu álbum de estreia como intérprete e o segundo da carreira, *Kitsch Pop Cult*.

Grata surpresa deste ano, ele teve o álbum produzido por André Abujamra (ex-Os Mulheres Negras e Karnak), profissional ideal para dar unidade à rede de maluquices sonoras do músico. O disco também tem a presença marcante do pai do compositor, Manoel Cordeiro, guitarrista e um dos pioneiros da lambada, com quem assina “Lambada com Farinha” e “Conversa Fora”.

Com gravação impecável, o disco traz dez faixas que explicitam a diversidade criativa do autor. A qualidade das letras de Cordeiro, que divide a autoria das canções apenas em “Dias Quentes” e “Café Pequeno” (com o poeta paraense Dand M.), se revela em versos como “A felicidade é uma maneira bem sofisticada de ser distraído” e “Não ponha rancor pra dentro, só jogue conversa fora”.

O resultado do trabalho é uma mistura das mais saudáveis entre lambada, carimbó, guitarrada, cúmbia, eletrobrega, tecnomelody e, sim, vanguarda paulista.

BAHIA FANTÁSTICA, DE RODRIGO CAMPOS

(YB MUSIC/NÚCLEO CONTEMPORÂNEO)

Quando Rodrigo Campos despontou com seu álbum de estreia (*São Mateus Não É um Lugar Assim Tão Longe*), em 2009, demonstrou talento para retratar situações e personagens de seu cotidiano. Três anos depois, o músico brinda o público com aquilo em que ele mesmo relutava acreditar: a possibilidade de um compositor descrever com propriedade um universo tão distante de sua realidade. Em *Bahia Fantástica*, Campos deixa de lado o “documentário sonoro” de São Mateus para cair na “ficção musical” e cantar a Bahia de modo místico e metafórico.

Canções como “Sete Vela”, “Aninha”, “Elias”, “Beco” e “Jardim Japão” (única parceria, com Vicente Barreto), compostas anteriormente, têm como tema São Paulo. Outras, como “General Geral”, “Morte na Bahia”, “Ribeirão”, “Capitão”, “Salvador”, “Princesa do Mar” e “Cinco Doces”, foram inspiradas no universo baiano. Sempre com histórias bem contadas e tipos inventados, tudo de maneira cinematográfica e imagética.

Saiu de cena o cavaquinho – por uma questão de sonoridade –, ficando apenas o violão. Dele surgiram riffs harmônicos, inspirados no soul da banda Funkadelic e do cantor Curtis Mayfield. No time, Romulo Fróes, Gustavo Lenza, Kiko Dinucci, Thiago França, Marcelo Cabral, Maurício Fleury e Mauricio Takara e participação de Criolo, Juçara Marçal, Luisa Maita, Guilherme Held e Maurício Badé.

SAMBANZO: ETIÓPIA, DE THIAGO FRANÇA

(YB MUSIC)

Um dos mais atuantes instrumentistas brasileiros contemporâneos, o saxofonista Thiago França participou recentemente de discos bastante elogiados por crítica e público. Entre eles, os trabalhos de Criolo, Romulo Fróes e Gui Amabis. Mas não deixou de lado seus próprios projetos, como o Metá Metá e o Marginals.

Nesse disco, ele mostra o mesmo gabarito como compositor. Para os frequentadores dos bares paulistanos Ô do Borogodó e Serralheria, o álbum não representa nenhuma surpresa. O que soa da maneira mais positiva possível. Nessas casas, ao lado de Kiko Dinucci (guitarra), Marcelo Cabral (baixo), Wellington Moreira, o Pimpa (bateria) e Samba Sam (percussão), França já havia mostrado quase todas as músicas desde o ano passado.

Nas sete faixas extremamente dançantes, os instrumentos formam um amálgama consistente, com convenções e dobras de fraseados benfeitos. É uma exaltação sincera à matriz africana, em “Etiópia”, “O Sino da Igrejinha”, “Xangô”, “Capadócia” e “Xangô da Capadócia”; à Cuba, em “Tilanguero”; e ao Caribe, mas com tempero brasileiro, em “Risca-Faca”. □

Feito de FERRO e FLOR

Claudio Assis, caruaruense nato, homem do agreste, faz do cinema seu árido território

TEXTO karen harley

Quando falo com Claudio por telefone, sempre fico mais alegre e dou algumas risadas. Claudio tem humor, conta histórias engraçadas, me deixa à vontade. Mas nem sempre foi assim. Eu tinha medo de Claudio Assis até conhecê-lo. Pela sua fama de chato e polêmico, por gostar de confusão, de excesso de botequim e de sinceridade. Um dia, ele ligou para me convidar para montar o seu segundo longa-metragem, *Baixio das Bestas*. Nunca tinha trabalhado com ele, só o conhecia de vista e de uma reunião na extinta Associação Brasileira de Documentaristas de Pernambuco, onde ele desceu o verbo. Em dez minutos de telefonema, já estava brigando comigo. Eita! – pensei: “Isso não vai dar certo. Como posso montar um filme com um sujeito tão estourado?”. Mas a paixão pelo seu cinema, as pessoas da equipe e o gosto pelo desafio me fizeram aceitar o convite.

Na época, eu morava em Belo Horizonte e ele foi para lá para montarmos o filme. Nos primeiros dias, o clima era de poucas palavras; havia uma tensão no ar. Não nos conhecíamos, nós nos estranhávamos até. O tema do filme, a violência contra mulheres e a falta de afeto, a macheza nordestina dos agrobóys, a aridez das relações, também não ajudava muito. Sabia que precisava conquistar uma cumplicidade com o diretor para poder trabalhar de forma mais livre e autônoma e propor novas possibilidades narrativas.

Logo percebi uma grande qualidade no Claudio: ele sabia escutar. E respeitava as minhas opiniões. Começamos a ter diálogos instigantes e me contaminei com a euforia criativa dele. Era entusiasmado e generoso. Numa tarde, ele disse: “Esse filme agora é teu. Tome e receba. Te viral!”. Essas palavras, ao mesmo tempo duras e carinhosas, bem ao estilo Claudão, demonstram a confiança e a união que ele tem com a sua equipe. Do roteirista ao contraregra, ele deixa todos se sentirem parte do processo criativo. E o resultado dessa parceria percebe-se na tela. Eu recebi o filme, me virei (com ele) e nos tornamos amigos. Perdi o medo. Claudio Assis é um caruaruense nato, um homem do agreste. Tem o dom da palavra e uma aridez peculiar, um carinho que é seco, bruto, às vezes confundido com agressividade. Eu aprendi a me entender com suas palavras. Quando elas estão excessivas, peço para trabalhar sozinha e o Claudio respeita.

Na montagem do *Febre do Rato*, já existia cumplicidade. Esse terreno havia sido conquistado. Havia a complexidade natural de montar um filme

de Claudio Assis, dificultado pelo fato de o diretor resolver criar 34 novas cenas durante a filmagem (além das que já estavam no roteiro), que eram nomeadas de “Epidermes” na claquete e que não tinham lugar determinado na estrutura narrativa. Todas as cenas eram epidermes profundas, lindas e tinham de entrar. Assim como era e é linda a poesia de Zizo, o personagem principal. Poemas lindamente recitados por Irandhir e escritos por Hilton Lacerda, mas um pouco longos para o filme. O comentário de Claudio: “Pensei em você durante a filmagem e não queria facilitar. Achou que ia ser fácil?”. E ria. Ele gosta de rir. Não foi fácil, mas foi um presente. O filme mais lírico que ele fez; fala de amizade, afeto, confiança, tesão, febre de vida e poesia. Considerando essas palavras, penso que elas poderiam definir o próprio Claudão, além de lembrarem Gregório Bezerra, conterrâneo pernambucano, que se dizia feito de ferro e flor. Algo assim também é a matéria bruta de Claudio Assis.

Ao final da exibição do *Febre do Rato*, no Festival de Roterdã, em janeiro passado, Claudio foi perguntado por que filmou em preto e branco e no Recife: “Porque nasci lá, mas se tivesse nascido em Amsterdã ou em Roterdã seria a mesma coisa. Porque o que tenho é de dizer o que sinto, ter coragem de ser o que sou, de não ser medíocre”. Esse depoimento sintetiza outra característica de Claudão: ele é um homem que vive intensamente e tem um profundo senso de observação. Não é cinéfilo nem um estudioso da linguagem cinematográfica, mas os seus filmes têm uma força estética poderosa e um rigor formal incomum. É um homem político e político também é o seu cinema. Seja para falar da violência contra mulheres da zona da mata pernambucana, seja para falar dos marginalizados urbanos, poetas e anarquistas de uma Recife decadente. A verve vem de sua própria experiência de vida e tem reflexo em seus personagens. No seu último filme, o poeta Zizo é um homem intenso, chegado à polêmica, fiel aos amigos, corajoso, generoso, doce. É um homem de excessos, de muitos, como se define à sua musa Eneida. Zizo, renegado por uns e adorado por outros. Assim como o Claudão. □

Karen Harley é montadora de cinema. Entre as produções em que atuou, estão *Cinemas*, *Aspirinas* e *Urubus* (Marcelo Gomes, 2005) e *Baixio das Bestas* (Claudio Assis, 2007). Repete a parceria com esse cineasta em *Febre do Rato*, longa que estreia em maio.

CULTURA PARA VER, OUVIR E NAVEGAR

AS DICAS DA EDIÇÃO TRAZEM CDS, MOSTRAS E
SITES DE LITERATURA, DANÇA E ARTES PLÁSTICAS



fotos: divulgação

MÚSICA

Dez anos do Clube Caiubi de Compositores

O Clube Caiubi de Compositores (clubecaiubi.ning.com), rede social de produtores, músicos, intérpretes e compositores, completou dez anos em março. Para comemorar, entregará em maio os troféus do Prêmio Caiubi aos compositores da confraria que se destacaram em 2011, além de lançar o livro de contos *Doido, Eu?* e o documentário *Uns Muitos*, que conta a história do clube, destacando o papel do compositor Zé Rodrix, morto em 2009, como seu curador. As ações contam com financiamento coletivo, ainda aberto a doações, pelo site <movere.me>. Outro projeto que marcou os dez anos do Caiubi foi o lançamento, em fevereiro, do CD *Morte Súbita*, da banda Sonora Parceria, formada pelos músicos Marcoliva e Tatiana Cobbett, além de Rafael Meksenas, Pedro Loch, Mateus Mira e Larissa Galvão (o quarteto Kiabo), todos integrantes da rede. O grupo também se utilizou, com sucesso, de financiamento coletivo para conseguir gravar o CD, por meio da ferramenta Catarse.

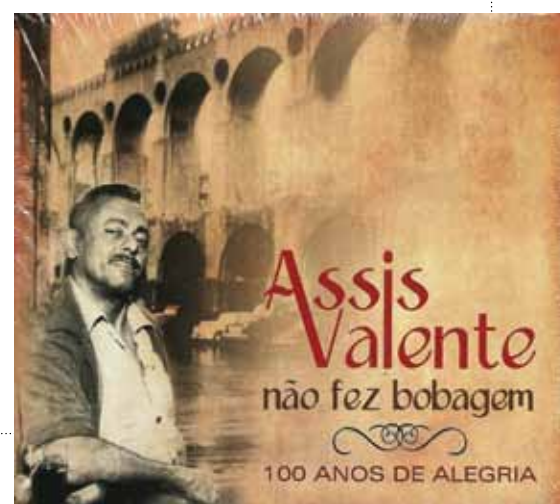


O Samba de Roda de Dalua e Mestre Maurão (*independente, 2011*)

Da roda de capoeira ao samba de roda. Este projeto-álbum nasceu em 2009, quando, ao final dos jogos de capoeira, o percussionista Dalua e seu “tio-irmão” Mestre Maurão encerravam os encontros puxando um samba. A vibração e a energia dos participantes incentivaram os dois a realizar o álbum com ritmos tradicionais. Com a participação dos músicos Yaniel Matos (piano em “Samba de Caboclo”) e Marcelo Jeneci (acordeão em “Papai me Bateu”), o disco duplo faz um resgate da memória da cultura popular brasileira, buscando revelar toda a sua riqueza.

Assis Valente Não Fez Bobagem - 100 Anos de Alegria, vários intérpretes (EMI, 2011)

O compositor Assis Valente viveu apenas 47 anos (suicidou-se em 1958, afundado em dívidas), porém esse tempo foi suficiente para que se consagrasse como um dos maiores letristas da música popular nacional. Para celebrar seu centenário, chega às lojas um CD duplo com os sucessos de Valente e outras canções escritas por ele pouco conhecidas do público. Referência para o título do álbum, a faixa “Fez Bobagem” traz Elza Soares no vocal. Há também as vozes de Carmem Miranda (“Tenho Raiva do Luar”, “Isso Não se Atura” e “Deixa Comigo”), Maria Bethânia (“Camisa Listrada”), Aracy de Almeida (“Mangueira”) e Maria Alcina (“Maria Boa”), entre outras.



ARTES VISUAIS

Alberto Giacometti: Coleção da Fondation Alberto et Annette Giacometti, Paris, na Pinacoteca, até 17 de junho

A Pinacoteca do Estado de São Paulo é a primeira instituição a abrigar a maior mostra do escultor suíço Alberto Giacometti (1901-1966) já realizada no país. Com cerca de 280 obras, pertencentes à fundação que cuida do trabalho do artista, a exposição, que fica em São Paulo até junho, será apresentada ainda no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (entre julho e setembro) e na Fundação Proa, de Buenos Aires (de outubro de 2012 a janeiro de 2013). O recorte é dividido cronológica e tematicamente, com destaque para as esculturas que filiam Giacometti ao surrealismo, entre elas *Bola Suspensa* (1930-1931). Os estudos dedicados à cabeça e aos olhos humanos, questão central da obra do artista, ocupam grande parte da montagem, que traz ainda peças monumentais, como *Mulher de Veneza* (1956) e *Homem Caminhando* (1960). O filme *O que É uma Cabeça? Ou a Passagem do Tempo* (2001), que narra a trajetória de Giacometti, é exibido em um dos ambientes. A exposição se completa com o lançamento do livro *Giacometti*, pela Cosac Naify, e com um ciclo de palestras. Mais informações <pinacoteca.org.br>.



foto: fundação giacometti, paris



Wolfgang Tillmans, no MAM/SP, até 27 de maio

Um dos fotógrafos mais aclamados da atualidade, o alemão Tillmans expõe pela primeira vez na América do Sul. Sua obra, merecedora do Turner Prize – concedido pela Tate Britain, em 2000, e o primeiro dado a um fotógrafo –, compõe-se de panoramas com cenas banais e efeitos ópticos abstratos. A astronomia, objeto de adoração e estudo que começou ainda na infância do artista, é outra forte referência na obra e em sua apresentação no espaço expositivo, tal qual constelações. A representação do universo em sua variante errática e desordenada faz Tillmans aproximar-se das ideias da teoria do caos e divergir, de forma contundente, da corrente artística conhecida como Escola de Dusseldorf, que procura explicar o mundo por meio da exatidão matemática. Apresentada na Serpentine Gallery, de Londres, a exposição ganha trabalhos novos na montagem brasileira, cuja concepção museográfica contou com a participação direta do artista. Mais informações <mam.org.br>.



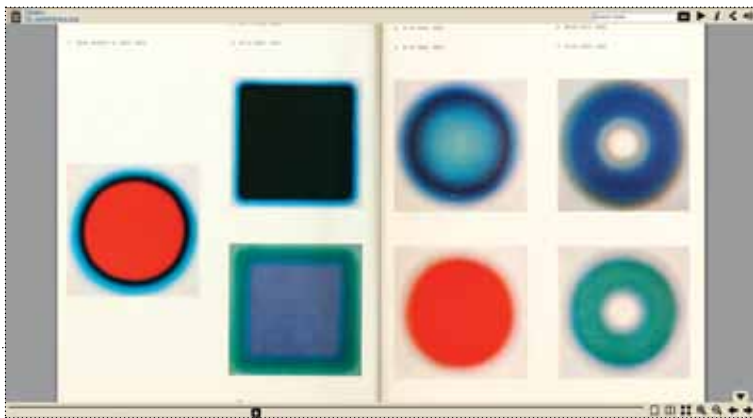
interrogacao.org/category/igrejadolivrotransformador

Site criado em 2010 a partir de uma ideia do escritor mineiro Luiz Ruffato, a Igreja do Livro Transformador começou de forma desprezensiosa, mas hoje ganhou corpo e se tornou um dos espaços virtuais mais interessantes para difundir livros, escritores e ideias. O lema da “seita” é “Livros mudam pessoas”. Quem quiser pode participar gravando um vídeo sobre o livro que transformou sua vida e enviando-o para o site. A criação de uma fan page no Facebook ampliou o número de seguidores e fez com que a página se tornasse um fórum com informações sobre eventos e lançamentos, comentários sobre livros, artigos e outros textos, dicas de sites ligados à literatura ou simplesmente conversas entre os participantes.



eutededico.tumblr.com

As dedicatórias são expressões poéticas capazes de agregar valores ainda mais especiais a objetos e potencializar artisticamente a comunicação cotidiana (leia reportagem “Caligrafia do Afeto”, sobre esse tema, na edição 34). Por acreditar que um livro com dedicatória carrega duas histórias, uma com início no primeiro capítulo e outra anterior, pessoal e afetiva, Mariana Guglielmelli criou o blog Eu te Dedico. O projeto tem como intenção registrar e divulgar as mensagens escritas em livros, normalmente restritas aos seus destinatários. O conteúdo é enviado por leitores do blog, que compartilham a dedicatória – em texto e imagem – e contam a história por trás dela. O resultado é repleto de lirismo, poesia e pequenas alegrias. E também funciona como um estímulo a mais para a leitura de determinadas obras.



archive.org/details/guggenheimmuseum

O prestigiado museu de arte moderna e contemporânea Guggenheim disponibilizou na internet parte de suas publicações, a maioria relacionada às mostras e aquisições realizadas pela instituição. O Arquivo Guggenheim traz mais de cem catálogos para download, em formatos diversos, como PDF, ePub, Kindle e DjVu. Constan no arquivo o registro de exposições de artistas como Edvard Munch (1965-1966), Francis Bacon (1963-1964) e Wassily Kandinsky (1982).

mubevirtual.com.br

Projeto do Museu Brasileiro da Escultura (MuBE), de São Paulo, o MuBE Virtual é um banco de dados sobre a produção escultórica brasileira. O site tem formato colaborativo e permite aos usuários enviar imagens e textos sobre esculturas instaladas em espaços públicos de qualquer cidade brasileira, além de acrescentar dados e imagens às obras já cadastradas. Os colaboradores têm seu nome creditado na página. O MuBE Virtual pretende ampliar o banco de dados com a catalogação de esculturas pertencentes a museus, bibliotecas, galerias e acervos particulares. O acesso às informações, atualizadas periodicamente, é gratuito. A página tem um blog, também aberto à colaboração do público, em que são postados textos sobre a arte tridimensional no país.



revistadedanca.com.br

Um novo veículo de comunicação na internet foi criado para se somar às discussões e à divulgação da dança no Brasil. Vontade antiga das jornalistas e críticas de dança Flávia Fontes Oliveira e Marcela Benvegnu, a Revista de Dança chega para mostrar mais de perto o universo dos bailarinos e trazer à tona as últimas tendências dessa arte, além de resgatar o seu legado. Dividido em diversas seções, o site funciona como uma ferramenta de informação e também de troca entre público, artistas e especialistas no assunto.

arte - sp

10-13 MAI

QUI-SEX 14-22H | SÁB-DOM 12-20H
PAVILHÃO DA BIENAL | PARQUE IBIRAPUERA

O MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA A 8ª EDIÇÃO DA FEIRA INTERNACIONAL DE ARTE DE SÃO PAULO

PROGRAMA EDUCATIVO

O LABORATÓRIO CURATORIAL APRESENTA QUATRO PROJETOS DE JOVENS CURADORES SOB ORIENTAÇÃO DE ADRIANO PEDROSA:
RENAN ARAUJO
MARTA MESTRE
BERNARDO MOSQUEIRA
KAMILLA NUNES

PEDROSA TAMBÉM ORGANIZA UMA SÉRIE DE DIÁLOGOS COM GALERISTAS, CURADORES E COLECIONADORES

NÚCLEO EDITORIAL

REAPRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "ALÉM DA BIBLIOTECA" COM CURADORIA DE ANA LUIZA FONSECA
PARTICIPAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES REVISTAS DE ARTE BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS:
ARTE!BRASILEIROS
ARTNEXUS
CONTINUUM
DASARTES
OJODEPEZ
SELECT

PRESENÇA DE EDITORAS DE LIVROS DE ARTISTA:
TIJUANA E COSAC NAIFY
LANÇAMENTOS DE LIVROS NO ESPAÇO DA LIVRARIA DA TRAVESSA

PARA MAIS INFORMAÇÕES ACESSE O SITE:
WWW.SP-ARTE.COM

APOIO
CULTURAL

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

